

**Larissa Ciríaco**

**A ALTERNÂNCIA CAUSATIVO/ERGATIVA NO PB: RESTRIÇÕES E  
PROPRIEDADES SEMÂNTICAS**

**Faculdade de Letras  
Universidade Federal de Minas Gerais  
2007**

**Larissa Ciríaco**

**A ALTERNÂNCIA CAUSATIVO/ERGATIVA NO PB: RESTRIÇÕES E  
PROPRIEDADES SEMÂNTICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Lingüística, sob a orientação da prof. Dra. Márcia Cançado.

**Faculdade de Letras  
Universidade Federal de Minas Gerais**

**2007**

*... porque a mente quer descobrir, através  
do uso da razão, o que existe no longínquo e infinito espaço,  
longe dos problemas desse mundo – aquela região onde  
o intelecto sonha em penetrar, aonde a mente, livre,  
estende seu vôo em direção ao desconhecido.*

“Da natureza das coisas”, Lucrécio,  
poeta romano (96-55 a.C.).

Para Eduardo Campos, meu querido, por  
fazer meu chão mais firme e seguir,  
cúmplice, um caminho comigo.

Para Márcia Cançado, por ter sido tão importante para  
minha formação acadêmica desde a graduação.

## Agradecimentos

A minha família, minha origem.

A Eduardo Campos, pelo apoio e ajuda no fechamento do trabalho, pelo carinho e inspiração nos momentos mais difíceis.

A Luisa Godoy, pela poesia, pelas conversas produtivas – e também pelas não produtivas – e pela amizade tão sincera. Agradeço também pela revisão e pelas sugestões valiosas referentes ao capítulo 4.

A Márcia Cançado, pela colaboração minuciosa no trabalho de revisão desta dissertação e, principalmente, pela orientação tão segura e paciente. Agradeço ainda por todo o incentivo e interesse por minha formação e pelo exemplo profissional.

Aos professores do curso de pós-graduação em estudos lingüísticos da Fale/UFMG, por contribuírem para minha formação, e também aos colegas da Fale/UFMG.

A Capes, pelo apoio financeiro durante todo o período do mestrado.

## SUMÁRIO

<b>Resumo.....</b>	<b>8</b>
<b>Abstract.....</b>	<b>9</b>
<b>CAPÍTULO 1: Introdução .....</b>	<b>10</b>
1.1 O problema da alternância causativo-ergativa.....	10
1.2 Apresentando a pesquisa.....	11
1.2.1 Hipóteses e Objetivos .....	11
1.2.2 Justificativas: o objeto de estudo.....	13
1.2.3 Metodologia da pesquisa.....	16
1.3 Organização da dissertação.....	17
<b>CAPÍTULO 2: Um breve panorama sobre as propostas para a alternância causativo-ergativa no PB.....</b>	<b>18</b>
2.1 Introdução.....	18
2.2 Whitaker-Franchi (1989).....	19
2.3 Souza (1999).....	23
2.4 Naves (2005).....	27
<b>CAPÍTULO 3: Referencial teórico: uma proposta para os papéis temáticos (Cançado, 2003; 2005).....</b>	<b>32</b>
3.1 Introdução.....	32
3.2 Cançado (2003, 2005): Os papéis temáticos.....	33
3.2.1 A propriedade de Desencadeador.....	35
3.2.2 A propriedade de Afetado.....	36
3.2.3 A propriedade de Estativo.....	38
3.2.4 A propriedade de Controle.....	39
3.3 A projeção dos papéis temáticos na estrutura sintática.....	41
3.4 Considerações finais.....	43

<b>CAPÍTULO 4: Uma proposta de análise para a alternância causativo-ergativa no PB.....</b>	<b>45</b>
4.1 O problema da transitividade.....	45
4.1.1 A forma básica da transitividade.....	48
4.1.2 A hipótese inacusativa e os verbos basicamente intransitivos.....	50
4.1.3 A proposta minimalista para a transitividade dos verbos inacusativos e inergativos.....	52
4.2 Os processos de causativização e ergativização.....	55
4.3 Construções resultantes do alçamento do complemento.....	61
4.3.1 As construções mediais.....	61
4.3.2 As construções ergativas.....	63
4.3.2.1 As construções ergativas canônicas.....	63
4.3.2.2 As construções ergativas destrinchadas.....	64
4.4 As restrições semânticas para a formação de construções ergativas canônicas.....	68
4.4.1 Reformulação da proposta de Whitaker-Franchi (1989).....	68
4.4.2 Outras restrições para o processo de ergativização.....	72
4.4.2.1 O desencadeador direto e indireto.....	74
4.4.2.2 A formação de construções ergativas com verbos psicológicos..	78
4.4.3 Síntese das restrições à formação das construções ergativas.....	82
 <b>CAPÍTULO 5: Considerações Finais.....</b>	<b>83</b>
 <b>APÊNDICE.....</b>	<b>88</b>
 <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>109</b>

## Resumo

Esta dissertação tem por objetivo a descrição e explicação do comportamento dos verbos causativos do português brasileiro em relação ao processo de formação de construções ergativas. O fenômeno da alternância causativo-ergativa consiste em um mesmo verbo aparecer em duas configurações sintáticas distintas, uma transitiva, como *João quebrou o vaso*, e outra intransitiva, como *o vaso quebrou*. Entretanto, existem verbos que não aceitam a construção da forma intransitiva, como *o vento carregou as folhas* / \* *as folhas carregaram*. Para investigar esse problema, adotamos a hipótese, assim como outros autores (cf. Whitaker-Franchi, 1989; Levi, 1993; dentre outros), de que a semântica constitui-se um componente autônomo da linguagem, com restrições e princípios próprios e buscamos, nesse componente, as restrições para a formação de construções ergativas. Analisamos, adotando como referencial teórico a proposta de Cançado (2003, 2005) para os papéis temáticos, um *corpus* constituído de 201 verbos do português brasileiro e 527 sentenças para verificar essa hipótese, e, a partir da análise de Whitaker-Franchi, reformulamos as restrições mais gerais. Entretanto, como essas restrições se mostravam ainda insuficientes, propusemos outras restrições, também de natureza semântico-lexical, para a formação de construções ergativas para verbos causativos no geral e também, especificamente, para os verbos psicológicos, dado seu comportamento atípico. Portanto, elucidamos as propriedades semânticas relevantes para a gramática dessa construção, corroborando a importância do componente semântico para a sintaxe. Ainda, analisamos os verbos alternantes em relação a sua transitividade básica, pois, no decorrer da pesquisa, deparamo-nos com o problema de como classificar um verbo que aparece numa sentença transitiva e numa intransitiva quanto a sua transitividade. Assim, esta dissertação traz também uma proposta de análise para a transitividade dos verbos causativos no português brasileiro.



## Abstract

This dissertation aims to describe and explain the behavior of causative verbs in relation to the causative-ergative alternation in Brazilian Portuguese. The causative-ergative alternation consists in the appearance of the same verb in transitive sentences, like *João quebrou o vaso* and in intransitive sentences, like, *o vaso quebrou*. However, there are verbs that do not participate in this alternation, like *o vento carregou as folhas* / \* *as folhas carregaram*. To pursue this question, the central hypothesis adopted here is that the semantic content of thematic relations is relevant to grammatical theory, as other authors (cf. cf. Whitaker-Franchi, 1989; Levin, 1993) also assume. We understand ‘semantics’ as an independent component of language, with its own properties and principles, and we search, within this component, the restrictions to the causative-ergative alternation. In order to test this hypothesis, and adopting Cançado’s (2003, 2005) proposal for thematic roles, we analyzed 201 verbs of BP distributed in 527 sentences. Starting from Whitaker-Franchi’s proposal, we have reformulated her general restrictions to the phenomena. However, since those restrictions were not enough to explicate the verbs behavior, we proposed other lexical-semantic restrictions to the causative-ergative alternation with causative verbs, in general, and with psychological verbs, specifically, because of their atypical behavior. Therefore, this dissertation exposes the relevant semantic properties for the syntactic phenomena of the causative-ergative alternation. We also propose a semantic analysis for the problem of transitivity, that is, an answer to the question of which form is the ‘basic form of transitivity’ of a verb that appear as transitive and as intransitive.

# CAPÍTULO 1

## INTRODUÇÃO

### 1.1 O problema da alternância causativo-ergativa

Para entendermos melhor o funcionamento e a organização das estruturas do léxico, as propriedades lexicais e de sentido e sua relação com a estruturação formal das sentenças da língua, tomamos, como exercício de pesquisa nesta dissertação, a alternância causativo-ergativa. A escolha desse tema faz parte de um projeto maior de pesquisa, que pretende, primeiramente, descrever as propriedades semânticas gramaticalmente relevantes dos verbos do português brasileiro. Essa descrição nos possibilitará entender melhor o léxico e a língua, para então articular esse conhecimento à proposta para os papéis temáticos de Caçado (2003, 2005), permitindo formular hipóteses sobre a organização do léxico e sobre a vinculação das propriedades semântico-lexicais à estruturação sintática das sentenças. É nesse sentido que esta dissertação se insere na interface sintaxe-semântica lexical.

Uma das maneiras de conhecer um pouco mais sobre essa interface é estudando fenômenos relacionados à estrutura argumental dos predicadores<sup>1</sup> de uma língua, como as alternâncias verbais, em que parece ocorrer mudança da estrutura argumental. Esses são, portanto, fenômenos de interface, pois relacionam uma propriedade sintática, como a alternância causativo-ergativa, por exemplo, com propriedades de sentido, como estrutura argumental, papéis temáticos, propriedades substantivas, etc.. A alternância causativo-ergativa consiste no fato de um mesmo verbo aparecer em uma sentença causativo-transitiva e numa sentença ergativo-intransitiva:

---

<sup>1</sup> Seguindo sugestão de Raposo (1992), será adotado aqui o termo *predicador* para o item lexical que seleciona argumentos, a fim de que não seja confundido com o predicado VP.

- (1) a. Maria quebrou o vaso.  
b. O vaso (se)<sup>2</sup> quebrou.

Entretanto, existem verbos que não aparecem na forma ergativo-intransitiva:

- (2) a. O menino limpou a vidraça.  
b. \* A vidraça limpou.

Portanto, levantamos as seguintes questões: o que permite que verbos como *quebrar* apresentem as formas causativa e ergativa e verbos como *limpar* não apresentem a forma ergativa? Existindo restrições para essa alternância, de que natureza seriam elas, sintáticas, morfológicas, semânticas, etc.? Para responder a essas questões, partiremos do pressuposto de que existem restrições de natureza semântica para a alternância causativo-ergativa. Pretendemos, então, verificar se realmente existem condições semânticas que licenciam essa alternância e qual é a sua natureza: temática, aspectual, etc. Na seção seguinte, vamos apresentar as hipóteses e os objetivos desta dissertação.

## 1.2 Apresentando a pesquisa

### 1.2.1 Hipóteses e Objetivos

Em concordância com Cançado (1995; 1997; 2003; 2005), Franchi e Cançado (1997) e ainda Jackendoff (1990), adotaremos, no estudo da teoria gramatical, a hipótese geral de que a semântica constitui-se um módulo autônomo, assim como a sintaxe e a fonologia; e que esses módulos da gramática são igualmente estruturados. Baseamo-nos, portanto, nos pressupostos da semântica representacional, de Jackendoff (1983; 1990). Por autonomia, entende-se que cada um dos componentes da gramática possui primitivos, operações e princípios próprios. Assumimos também que o sentido das orações é passível de um tratamento sistemático e que os componentes da gramática estão interligados, ou, associados, por regras de correspondência, seguindo de perto

---

<sup>2</sup> A partícula *se* não será abordada nesta dissertação, sendo considerada apenas um marcador morfológico de alternância de diátese. Embora seu comportamento seja flutuante entre os verbos, ou seja, alguns formam ergativa com o *se* e outros não, esta questão não será perseguida; pois interessa-nos apenas se o predicador verbal aceita ou não a ergativa, independentemente se com ou sem a partícula *se*.

Jackendoff (1990), e mais recentemente, Cançado (2005), que denomina essas regras de ‘regras de projeção’, numa reformulação de sua proposta. Portanto, a hipótese geral adotada aqui é a de que a estrutura conceitual semântica está correlacionada à estrutura sintática, organizando-a e restringindo a ocorrência de certas estruturas como as passivas, mediais, alternâncias de objetos, e, no caso específico desta dissertação, restringindo a ocorrência da alternância causativo-ergativa com certos predicadores.

Assim como outros lingüistas (cf. Levin, 1983; Whitaker-Franchi, 1989, dentre outros), adotamos a hipótese específica de que a alternância causativo-ergativa, permitida a certos verbos, está condicionada de alguma maneira às relações semânticas estabelecidas entre o item lexical verbal e seus argumentos. Dentre essas relações semânticas, as que mais de perto interessam a esta pesquisa são as funções semânticas, desempenhadas pelos argumentos de um predicador na estrutura argumental aberta por ele. Noções estas mais conhecidas como papéis temáticos ou papéis semânticos e que vêm sendo consideradas importantes no estudo das alternâncias por vários pesquisadores (cf. Grimshaw, 1987, 1990; Levin, 1983, 1989, 1993; Levin e Rappaport-Hovav, 1995; dentre outros trabalhos).

Como objetivo geral, primeiramente, propõe-se um amplo estudo léxico-semântico, de natureza empírica, de várias classes de verbos e sua relação com as construções passivas e mediais. Em segundo lugar, busca-se refletir sobre as propriedades relevantes para a estruturação lexical.

Adentrando o campo teórico e seguindo as propostas de Levin (1983,1989), Whitaker-Franchi (1989), Cançado (2003) e Ciríaco e Cançado (2006), assume-se que os papéis temáticos são relevantes para a descrição e explicação das estruturas sintáticas; por isso, como objetivos específicos, buscam-se:

- a)** investigar classes de verbos em relação à alternância causativo-ergativa e suas redes temáticas;
  
- b)** investigar, de forma mais fina, as propriedades de sentido que compõem os papéis temáticos dos verbos observados;
  
- c)** descrever as restrições semânticas encontradas para a alternância causativo-ergativa, estabelecendo também de que tipo elas são;

**d)** formular uma proposta para a questão da forma básica de transitividade dos verbos analisados, ou seja, encontrar soluções para a questão de dado uma sentença causativo-transitiva e uma sentença ergativo-intransitiva para um mesmo verbo, qual seria a forma básica de transitividade desse verbo?

**e)** explicar, nos termos da proposta sobre vinculação entre sintaxe e semântica de Cançado (2005), a projeção das propriedades semânticas relevantes para a alternância causativo-ergativa;

**f)** contribuir para a proposta sobre papéis temáticos desenvolvida por Cançado (2003; 2005);

Finalmente, esperamos também alcançar um refinamento das noções semânticas que vêm sendo consideradas importantes no tratamento da alternância pela literatura, como as noções de causa, controle e afetação (cf. Whitaker-Franchi, 1989; Levin e Rappaport-Hovav, 1995).

### **1.2.2 Justificativas: o objeto de estudo**

Esta pesquisa se ocupará dos predicadores verbais do PB e da possibilidade de ocorrerem na alternância causativo-ergativa sob um viés semântico-lexical, pois buscaremos as propriedades semânticas relevantes para a gramática dessas construções. Antes, porém, de apresentarmos as justificativas desta dissertação, vamos discorrer, brevemente, sobre nosso objeto de estudo.

A alternância causativo-ergativa é um tipo de alternância de diátese verbal, ou seja, consiste em um rearranjo da estrutura argumental do predicador verbal segundo a perspectiva adotada pelo falante. Segundo Franchi e Cançado (1997), a ‘diátese’ de um verbo é um esquema relacional complexo em que se encontra especificado o número de argumentos tomados pelo predicador, a qualidade dos papéis temáticos associados a cada argumento e a orientação da relação estabelecida por esses papéis. Por exemplo, quanto ao número de argumentos, distinguem-se os verbos *correr* e *quebrar*, que tomam um e dois argumentos respectivamente; quanto à qualidade dos papéis temáticos envolvidos, distinguem-se *andar* de *aparecer*, pois o primeiro seleciona um agente e o último, um paciente; e quanto à orientação da relação, podem-se distinguir os verbos

*comprar* e *vender*, nos quais temos a mesma relação de transação comercial, mas a orientação dessa relação é inversa. No caso da alternância causativo-ergativa, sob o ponto de vista semântico, organiza-se a estrutura argumental do predicador verbal sob a perspectiva do papel temático do argumento afetado ou paciente, formando assim uma ergativa. Sintaticamente, trata-se de um processo de alçamento do complemento para a posição de sujeito. Essa propriedade sintática deve manter a interpretação do evento, ou seja, o sujeito continua a receber a interpretação de afetado ou paciente. Esse processo sintático dá origem, então, a uma ‘construção’ ergativa, ou seja, uma sentença derivada da diátese plena de um verbo, que é uma sentença causativa. Assim, um verbo que participa da alternância causativo-ergativa ocorre, em sua diátese plena, em uma sentença causativa; e, através de um processo sintático e de restrições semânticas, pode formar uma construção ergativa:

- (3) a. O menino quebrou a janela.
- b. A janela quebrou.

É importante observar que não estamos sugerindo precedência entre uma sentença causativa e uma construção ergativa em termos sintáticos, ou seja, não assumimos que, primeiramente, ocorre a projeção de uma sentença causativa para, posteriormente, a construção ergativa ser formada. Assumimos que a construção ergativa é ‘derivada’ de propriedades semânticas dos verbos, sendo projetada diretamente na sintaxe a partir dessas informações, assim como a forma causativa é projetada diretamente na sintaxe a partir das informações da diátese verbal. Entretanto, no caso da alternância causativo-ergativa, esse verbo apresenta uma forma básica e suas propriedades permitem a construção da outra forma. Com isso, um dos objetivos decorrentes da investigação das propriedades que licenciam a alternância causativo-ergativa será investigar também a forma básica de transitividade de um verbo.

Antes de continuarmos, faz-se necessário discorrer sobre a origem do nome ‘ergativa’. Essa denominação, bastante difundida na literatura, originou-se do sistema de casos ergativo-absolutivo (cf. Souza, 1999). As línguas de caso ergativo-absolutivo são línguas cujos sujeitos recebem diferentes tipos de caso, dependendo da transitividade do verbo. Se o verbo é transitivo, o sujeito recebe o caso ergativo, mas se o verbo é intransitivo, o sujeito recebe o mesmo caso do objeto direto, ou seja, o absoluto. Embora pareça um caso de engano terminológico, convencionaram-se a

chamar de ergativos os verbos que têm como sujeito, na forma intransitiva, o objeto da forma transitiva, ou o paciente, conforme o exemplo em (3) acima. De acordo com Souza (1999), essa distorção se originou aparentemente com Lyons (1979). Outra hipótese sobre a origem desse nome decorre das línguas ergativas, em que as sentenças são, geralmente, construídas a partir da perspectiva do afetado ou paciente no processo; ou seja, línguas que apresentam mais frequentemente um afetado ou paciente na posição de sujeito, e não um agente, como a maioria das línguas modernas.

Voltando ao nosso objeto de estudo, vimos que nem todos os verbos aceitam a formação de construções ergativas. Uma primeira restrição, sintática, para o processo de formação de ergativas, é que o verbo seja transitivo direto:

- (4) a. João mora em B.H.
- b. \* B.H. mora.

Entretanto, existem verbos transitivos diretos que não formam construções ergativas:

- (5) a. João levou a sacola.
- b. \* A sacola levou.

Uma direção que se apresenta, então, é investigar o tipo de estrutura argumental favorável à formação de ergativas, pois, de acordo com outros autores, como Levin (1989) e Whitaker-Franchi (1989), dentre outros, os predicadores verbais possuem propriedades de sentido que restringem a sintaxe. Por isso, a hipótese adotada nesta dissertação é a de que existem propriedades semânticas importantes para se explicar a alternância causativo-ergativa e que essas propriedades são de natureza temático-lexical.

A pesquisa proposta nesta dissertação é importante para os estudos lingüísticos por vários motivos. Primeiramente, adotar uma perspectiva semântica já se constitui novidade para a área, que carece de trabalhos dessa natureza. Além disso, um estudo semântico da alternância causativo-ergativa trará também uma descrição minuciosa dos verbos do PB, em termos de propriedades semânticas, e um avanço qualitativo na explicitação dessas propriedades. A idéia de que existem componentes de significado importantes para se distinguir o comportamento sintático dos verbos se justifica também do ponto de vista da aquisição, por exemplo; pois é mais econômico assumir que a

criança aprende o comportamento sintático de classes de verbos de sua língua, agrupando os verbos de acordo com as propriedades semânticas relevantes para a gramática, e não que ela tem de aprender as relações gramaticais para cada item lexical. Segundo Levin (1993:11), “o conhecimento lexical de um falante deve incluir o conhecimento do significado dos verbos – dos componentes de significado que determinam o comportamento sintático dos verbos –, e os princípios gerais que determinam um dado comportamento a partir do significado verbal”. Nesse sentido, assumimos, seguindo Cançado (2005), que os componentes da linguagem estão organizados segundo a direção da semântica para a sintaxe.

Finalmente, esta dissertação constitui-se num estudo importante para o PB, pois lida com noções lingüísticas importantes, como papel temático, alternância de diátese e propriedades lexicais; noções essas fundamentais para qualquer proposta sobre a relação semântica e sintaxe, mas que ainda precisam ser tratadas de modo mais consistente e formal.

### **1.2.3 Metodologia da pesquisa**

Esta dissertação passou pelas seguintes etapas metodológicas:

- a) Coleta e construção das sentenças do *corpus*, abordado sob o instrumental empírico e sob a linha teórica da teoria da gramática, ou seja, adotamos uma abordagem formalista, analisando a língua no nível sentencial e não discursivo ou textual. Para compor o *corpus* desta pesquisa foram consultados e utilizados como base os dados de Cançado (1995), Moreira (2000), Silva (2002), Wenceslau (2003), Menezes (2005), Ciríaco e Cançado (2006) e Damasceno (2006), além de outras sentenças anotadas.
- b) Especificação da rede temática e das propriedades semânticas de cada predicador verbal das sentenças analisadas, utilizando-se a noção de acarretamento lexical de Dowty (1989), dentro da metodologia proposta por Cançado (2003, 2005).
- c) Análise das sentenças e das propriedades semânticas que compõem os papéis temáticos dos argumentos dos verbos analisados.
- d) Análise das classes semânticas dos verbos que figuram em construções ergativas.



e) Reflexão sobre a transitividade dos verbos analisados e formulação de uma proposta de análise da transitividade desses verbos;

f) Reflexão sobre as características semânticas comuns dos verbos que formam construções ergativas e daqueles que não formam e construção de generalizações acerca das restrições de sentido impostas à formação de ergativas.

Portanto, esta dissertação, primeiramente, refere-se a uma descrição das propriedades semânticas dos verbos do PB, a partir dos pressupostos teóricos assumidos acima e da observação dos dados da língua; para, posteriormente, com as generalizações encontradas, trazer importantes contribuições e reformulações teóricas tanto para o conhecimento lingüístico, de modo mais geral, por lidar com questões lingüísticas essenciais; quanto especificamente, para a proposta de Cançado (2003, 2005).

### **1.3 Organização da dissertação**

No capítulo 2, apresentaremos uma breve revisão da literatura sobre o tema da alternância causativo-ergativa para os verbos do PB. No capítulo 3, apresentaremos o referencial teórico adotado nesta dissertação, que é a proposta de Cançado (2003, 2005) para os papéis temáticos. No capítulo 4 faremos nossa proposta para a alternância causativo-ergativa, tratando, primeiramente, da questão da transitividade dos verbos causativos, dos processos envolvidos na alternância de transitividade e, finalmente, das restrições semântico-lexicais para a formação de construções ergativas no PB. Por fim, no capítulo 5, faremos as considerações finais sobre os objetivos propostos e os resultados obtidos, apontando ainda sugestões para futuras pesquisas que surgiram no decorrer da pesquisa.

## CAPÍTULO 2

### UM BREVE PANORAMA SOBRE AS PROPOSTAS PARA A ALTERNÂNCIA CAUSATIVO/ERGATIVA NO PB

#### 2.1 Introdução

Neste capítulo, vamos comentar algumas propostas da literatura para a alternância causativo-ergativa no português brasileiro. Percebemos que existem algumas diferenças quanto à denominação dada à alternância na literatura, pois dois dos trabalhos que comentaremos não utilizam o termo *ergativa*, apenas *causativa*; mas tratam do mesmo tema. Enfatizamos que os verbos que formam construções ergativas podem ocorrer em duas configurações sintáticas: uma causativo-transitiva, e uma ergativo-intransitiva. Os termos *causativa* e *ergativa* são, portanto, denominações semânticas para a mudança de transitividade que ocorre para certos verbos: na perspectiva causativa, existe um causador do processo e um afetado no processo; na perspectiva ergativa, apenas o argumento afetado.

Nas seções seguintes comentaremos três trabalhos sobre essas alternâncias no PB. O primeiro deles, e mais importante para esta dissertação, é a análise de Whitaker-Franchi (1989), baseada, assim como esta dissertação, nos papéis temáticos atribuídos pelo predicador verbal aos argumentos na sentença. A proposta de Whitaker-Franchi comprova a importância do estudo dos papéis temáticos para a explicação de certos fenômenos lingüísticos. Como nos inserimos na mesma linha teórica de investigação, apresentaremos, de forma sucinta, sua proposta e levantaremos algumas questões que ainda precisam ser abordadas.

O segundo trabalho é o de Souza (1999). Embora inserido num quadro teórico diferente, o léxico gerativo de Pustejovsky (1995), consideramos importante apresentar algumas das intuições do autor, principalmente porque ele faz uma reformulação da proposta de Levin & Rapaport-Hovav (1995) para a alternância causativo-ergativa e porque se trata de um trabalho relativamente atual para o PB. Entretanto, como veremos os problemas perseguidos por esta pesquisa continuam a existir.

Finalmente, comentaremos a proposta de Naves (2005), que também possui fundamentação teórica diferente da adotada nesta dissertação. Entretanto, além de pretendermos captar as intuições da autora, trata-se de uma proposta bastante atual para o PB, que, no entanto, também não esgota as questões sobre o tema.

## **2.2 Whitaker-Franchi (1989)**

O trabalho de Whitaker-Franchi refere-se à correlação entre ergativas e causativas, considerando a representação temática dos verbos analisados em sua diátese plena. Seu estudo mostrou-se importante para a teoria lingüística e para uma teoria que confere estatuto teórico aos papéis temáticos, pois as generalizações encontradas reforçam a relevância dos papéis temáticos para a descrição e explicação lingüística.

Whitaker-Franchi trabalha com a hipótese de um componente semântico autônomo, seguindo Jackendoff (1983) nessas formulações teóricas; e, portanto, busca nesse componente as condições gerais que expliquem a correlação entre causativas e ergativas. A autora utiliza-se do aparato da semântica representacional de Jackendoff (1972; 1983), principalmente, as funções ou relações CAUSE, para a relação de causação, AFET, para a relação de afetação, ACT, para a função do agente, USE, para o instrumento, ou, uma relação dependente, vinculada a ACT (Chafe, 1970; Jackendoff, 1983)), etc<sup>3</sup>. Assume-se que as relações de causa e de afetação são as condições semânticas fundamentais da relação entre as categorias semânticas: estados, processos e causações; e também da correlação entre causativas e ergativas. A relação de causa é definida, seguindo Jackendoff (1983), como uma relação que toma um evento como primeiro argumento, sendo periférica quanto a esse evento nuclear. Whitaker-Franchi, assim como esta dissertação, exclui qualquer hipótese de precedência entre causativas e ergativas. Segundo ela, as formas alternantes são projetadas diretamente na sintaxe, obedecendo ao princípio de projeção<sup>4</sup> e ao princípio de hierarquia temática, que prevê, dentre duas funções semânticas nucleares, qual tem a proeminência para ir para a posição de sujeito. Assim, as funções periféricas (não determinadas pela diátese interna do verbo) não são abrangidas por esses princípios.

---

<sup>3</sup> Não adentraremos nessa proposta, pois não será preciso para entender a análise de Whitaker-Franchi.

<sup>4</sup> O Princípio de Projeção prediz que as informações semântico-lexicais devem ser mantidas em todos os níveis de representação.

Tendo posto suas hipóteses mais gerais, passemos à sua proposta. Segundo a autora, um verbo, para formar uma construção ergativa, precisa obedecer a duas restrições mais gerais: primeiramente, que o argumento interno de sua causativa correlata seja afetado e, segundo, que não haja acarretamento de agentividade ao argumento externo da causativa correlata. A primeira generalização explica o contraste de gramaticalidade entre as sentenças (1b) e (2b) abaixo:

- (1) a. Paulo abriu a porta da sala.  
b. A porta da sala (se) abriu.
- (2) a. Paulo possui vários carros antigos.  
b. \* Carros antigos (se) possuem.

Em (1b), o argumento *a porta* recebe o papel temático de paciente ou afetado, ao contrário de *carros* em (2b), que tem o papel temático de tema. Por isso, a ergativa em (2b) não é aceita.

A segunda generalização explica por que, embora sendo o argumento interno das causativas correlatas das sentenças em (a) abaixo um paciente ou afetado, os verbos das sentenças de (4b) e (5b) não aceitam a ergativa, ao contrário de (3b):

- (3) a. A tempestade afundou o barco.  
b. O barco (se) afundou.
- (4) a. João escreveu a carta.  
b. \*A carta (se) escreveu.
- (5) a. Maria mexeu a sopa.  
b. \* A sopa (se) mexeu.

Os verbos *escrever* e *mexer* atribuem agentividade ao seu sujeito, ou seja, exigem necessariamente um sujeito agentivo. Por isso, as ergativas em (4b) e (5b) não são aceitas. O mesmo não acontece com o verbo *afundar*, que não atribui agentividade ao sujeito, isto é, não atribui ao argumento *a tempestade* noções como intencionalidade, controle, etc., que, de acordo com a literatura, são as noções mais comumente associadas à função de agente; e possui um argumento interno paciente ou afetado, *o barco*, atendendo, assim, às duas generalizações propostas. Segundo a autora, o verbo

*afundar* seleciona, na verdade, uma causa como argumento externo, no caso, *a tempestade* em (3a).

A distinção entre agente e causa é mais um aspecto importante do trabalho de Whitaker-Franchi. Seguindo de perto os trabalhos de Franchi e Jackendoff, a autora distingue o agente da causa por dois motivos. Primeiramente porque a relação de causa pode ocorrer não só em eventos de ação, como ocorre com o agente, mas também em estados e descrições. Vejam-se os exemplos abaixo, retirados da autora:

(6) a. A receita está ilegível *por causa da letra do médico*.

b. A letra do médico torna a receita ilegível.

(7) a. A casa é linda mais *pela paisagem* do que pelo estilo.

b. A paisagem, mais que o estilo, fazem linda a casa.

Em segundo lugar, as duas funções podem co-ocorrer na sentença:

(8) *O assaltante* matou o motorista *por uns míseros cruzados*.

Pelo exemplo acima, podemos perceber a distinção entre as duas funções semânticas, o agente, na posição de sujeito, e causa, na posição de adjunto.

Vejamos brevemente como essas noções são tratadas na literatura. Halliday (1967), por exemplo, também distingue o agentivo do causador, ou iniciador. O primeiro é o responsável pelo processo de forma manipulativa e imedita, e o segundo é o responsável pelo processo de forma não manipulativa e de maneira indireta, mediata. Seguindo Fillmore (1968), Whitaker-Franchi define o agente como “a função desempenhada por um ente animado que é responsável, voluntária ou involuntariamente, pela ação ou pelo desencadeamento dos processos”. Outros autores, como Chafe (1970), inclui causas e forças naturais na função de agente. No entanto, como vimos com o exemplo acima, Whitaker-Franchi argumenta que podemos ter uma causa e um agente numa mesma sentença, com diferenças de sentido bem claras, ainda que muito intuitivas. Citando Franchi (1975), Dowty (1979) e Jackendoff (1983), a autora define a relação de causa como uma relação entre eventos ou processos e não como uma relação entre um verbo e seu argumento. A relação de causa, portanto, diferentemente do agentivo, trata-se de uma relação não manipulativa e que pode selecionar elementos não animados. Dessa maneira, ela torna evidente a necessidade de

se separar semanticamente essas noções, dadas as propriedades gramaticais diferenciadas que apresentam.

Entretanto, ainda existem alguns problemas a serem investigados. Um primeiro problema decorre da inexatidão das definições das funções temáticas. Essas noções são sempre muito vagas e intuitivas sendo, por isso, muito divergentes entre os lingüistas. A noção de agente, por exemplo, definida acima, não apresenta uniformidade perante diversos autores. Um segundo problema refere-se às generalizações encontradas pela autora para a formação de construções ergativas. De forma bem geral, as restrições de agentividade e afetação parecem explicar bem a ocorrência das construções ergativas para o PB. No entanto, essas restrições ainda precisam ser mais investigadas, para entendermos melhor o comportamento dos verbos do PB em relação à alternância causativo-ergativa. Temos exemplos de sentenças construídas com um elemento causa como sujeito e um afetado como objeto, que não aceitam a construção ergativa:

- (9) a. A simpatia de Paulo conquistou Maria.  
b. \* Maria (se) conquistou com a simpatia de Paulo.
- (10) a. As promessas do deputado embromaram o povo.  
b. \* O povo (se) embromou com as promessas do deputado.
- (11) a. As vitórias do filho honraram a mãe.  
b. \* A mãe (se) honrou com as vitórias do filho.

Nas sentenças acima, temos uma construção causativa em (a), em que o sujeito é uma causa, e o objeto é um afetado por esses processos, ou seja, sofre uma mudança de estado ou condição. Entretanto, esses verbos não formam construções ergativas. Já na sentença (a) abaixo, temos um sujeito agentivo, tendo em vista as definições de agente dadas pela literatura, e, no entanto, o verbo em questão forma construção ergativa:

- (12) a. Eu vendi a casa para o cliente.  
b. A casa do cliente vendeu ontem.

Existe ainda uma outra questão, de cunho teórico, para a proposta de Whitaker-Franchi: tendo em vista as questões levantadas, o que seria, exatamente, um verbo “estritamente agentivo”? Analisemos alguns exemplos:

- (13) a. João carregou os brinquedos do filho.  
b. \* Os brinquedos do filho (se) carregaram.
- (14) a. João lançou a bola no telhado.  
b. \* A bola (se) lançou no telhado.

Dizer que os verbos *carregar* e *lançar* atribuem agentividade necessariamente ao seu sujeito resolveria o problema, na análise feita pela autora, ou seja, explicaria o fato de as ergativas em (b) acima não serem aceitas. Entretanto, temos os exemplos abaixo, que questionam a restrição sobre ser um verbo ‘estritamente agentivo’ e também a própria definição de agente adotada:

- (15) a. O vento carregou as folhas do chão.  
b. Um vento forte lançou a bola contra a parede.

Mesmo a definição de causa adotada por Whitaker-Franchi, como uma relação não manipulativa, que pode selecionar elementos não animados, confrontada a dados como os acima, coloca sua proposta em um nível bastante elementar, instigando maiores investigações.

Portanto, fica evidente a necessidade de se refinar a análise feita por Whitaker-Franchi. Por isso, buscamos amparo em uma teoria mais fina de papéis temáticos, a fim de se definir com maior precisão as propriedades semânticas relevantes para a formação de construções ergativas no PB.

### **2.3 Souza (1999)**

Souza (1999) adota como referencial teórico o léxico gerativo de Pustejovsky (1995) e, embora seja um trabalho diferente de nossa perspectiva teórica, vamos analisar algumas de suas intuições semânticas e a reformulação proposta para a análise de Levin & Rapaport-Hovav (1995). O autor explora a classificação de Levin & Rapaport-Hovav (1995) para os verbos chamados por elas de ‘verbos de comportamento variável’, isto é, os verbos que sofrem alternância de diátese. Segundo as autoras, os predicadores podem ser divididos em dois tipos: aqueles causados internamente, como *sorrir*, *brincar* e *andar*, para os quais o controle no desenvolvimento da eventualidade só pode ser atribuído à entidade envolvida; e aqueles causados externamente, como

*quebrar*, *assassinar* e *abrir*, para os quais o controle sobre o evento é atribuído a algo ou alguém externo. Vejamos um exemplo:

- (16) a. O menino brincou a tarde toda.  
b. \* A mãe brincou o menino a tarde toda.

Na sentença acima, temos um evento causado internamente, e, por isso, o verbo não aparece na configuração causativa. Os eventos causados externamente podem ser causados por um agente, uma causa ou um instrumento. A possibilidade de os eventos de causa externa poderem ter um agente ou não como causa distingue, segundo as autoras, os verbos alternantes dos não alternantes. Vejamos alguns exemplos:

- (17) a. João assassinou a galinha.  
b.\* A galinha assassinou.  
(18) a. João abriu a porta.  
b.A porta abriu.

Em (17), temos um evento causado externamente com um sujeito agente e, por isso, o verbo *assassinar* não admite a construção ergativa. Já em (18), temos um evento causado externamente com um sujeito causa, que admite a construção ergativa.

Ampliando a classificação de Levin & Rapaport-Hovav, Souza propõe que os eventos sejam classificados conforme três tipos distintos de causa: as causas estritamente externas, as causas internas e as causas potencialmente externas. Os eventos de causa estritamente externa são aqueles em que a mudança de estado não é causada pelo próprio argumento que sofre essa mudança, mas sim por outra entidade. Exemplos desse tipo de evento são os verbos *pintar* e *escrever*, que não admitem a alternância causativo-ergativa. Souza (1999) ainda correlaciona a restrição sobre os eventos de causa externa com sujeito agente e com sujeito causa de Levin & Rapaport-Hovav com a restrição de atribuição de agentividade proposta por Whitaker-Franchi, ou seja, os eventos de causa estritamente externa com sujeitos agentes seriam, na análise de Whitaker-Franchi, ‘verbos estritamente agentivos’.

Os eventos de causa interna são aqueles de processos corporais ou processos involuntários, como *espirrar* e *florescer*. Segundo Souza (1999), com esses tipos de eventualidades, a causa se encontra no próprio argumento que sofre o processo descrito,



sendo verbos tipicamente não alternantes entre uma sentença causativa e uma ergativa. Finalmente, os eventos de causa potencialmente externa são aqueles que admitem a alternância e, segundo o autor, é para esses verbos que a classificação de Levin & Rappaport-Hovav falha. Segundo ele, para um evento como *abrir* ou *quebrar*, dizer que a causa é externa é irrelevante. O autor afirma que em uma sentença como *A porta abriu* ou *O vaso quebrou*, o evento de *abrir* e de *quebrar* pode ter acontecido autonomamente, espontaneamente ou devido a uma causa externa. É nesse ponto que o autor diverge de Levin e Rappaport-Hovav (1995).

A nosso ver, parece estranho dizer que os eventos de *abrir* ou *quebrar* podem ocorrer de forma autônoma. Acreditamos que, na verdade, Souza (1999) deixa de levar em consideração o fator discursivo ou pragmático da língua, que talvez pareça imprimir a “interpretação” de autonomia ao evento. A própria alternância causativo-ergativa constitui-se num mecanismo da língua de manifestar a intenção discursiva do falante de encobrir ou de não dar relevância à causa ou ao ator da ação/evento descrito. Por isso, parece pouco plausível admitir que os verbos que participam da alternância ergativa expressam eventos ‘autônomos’ e ‘espontâneos’, mesmo quando dizemos sentenças como *Eu fechei a porta, mas ela abriu*, citada por Souza (1999:96). Em termos práticos, sua reformulação da proposta de Levin e Rappaport-Hovav não contribui para a explicação da alternância causativo-ergativa. No plano formal, esse mecanismo obedece a princípios e regras gramaticais, pois nem todo verbo aceita a alternância causativo-ergativa, como observamos anteriormente. São esses princípios que buscamos nesta dissertação, acreditando que existem propriedades semânticas relevantes gramaticalmente que regulam o mapeamento sintático dos argumentos de um verbo.

Souza postula três condições para um verbo alternar: possuir um sentido causativo, não estritamente agentivo, condição esta discutida mais acima; possuir um argumento afetado; e ser passível de reconstrução metonímica, ou seja, o processo que faz com que, na interpretação, indivíduos passem a ser considerados eventos, proposto por Pustejovsky (1995). A segunda restrição também já foi discutida na apresentação do trabalho de Whitaker-Franchi, na seção 2.1 desta dissertação. Quanto à reconstrução metonímica, segundo o autor, seria o processo responsável pela interpretação eventiva do sujeito dos predicados causativos. Segundo Souza (1999:110), os verbos causativos que permitem a alternância são aqueles que admitem uma ampla gama de elementos passíveis de reconstrução metonímica: a partir de um locativo, um objetivo, um instrumento, uma causa natural, etc., conforme exemplos do autor:

- (19) a. Monte Verde me acalma.  
b. Morar em Monte Verde me acalma.
- (20) O resultado me tranqüilizou.
- (21) A chave abriu a porta.
- (22) O vento abriu a porta.

Já os verbos que admitem a reconstrução metonímica apenas a partir do agente, ou seja, verbos mais especificados semanticamente, não admitem a alternância causativo-ergativa. Vejamos um exmplo, dado por Souza (1999:111):

- (23) a. O terrorista assassinou Gandhi.  
b. # A bala/ O revólver assassinou Gandhi.  
c. # A questão religiosa assassinou Gandhi.  
d. # O mau tempo assassinou Gandhi.

O autor considera ainda a reconstrução metonímica a partir do agente, o que, a nosso ver, não se confirma:

- (24) a. Esses caras me irritam.  
b. (O fato de) Esses caras agirem assim me irrita.

Discordamos de que o argumento *esses caras* deva ser interpretado como um agente, pois em Cançado (1995) é mostrado que essa classe de verbos psicológicos, na qual se inclui o verbo *irritar*, é tipicamente causativa, e que o sujeito *esses caras* é uma causa. O próprio exemplo em (b) deixa claro que o argumento *esses caras* só pode ser considerado agente do verbo *agir*, mas não do verbo *irritar*, ou seja, em (a), só podemos inferir que *esses caras* fazem ou têm alguma característica que causa irritação. Entretanto, o autor admite que, na verdade, essa terceira condição é “basicamente a análise que trata da restrição à alternância em termos de um acarretamento de agentividade”, proposta por Whitaker-Franchi (Souza (1999:111)), embora vista por outra perspectiva. Portanto, essa não parece ser uma condição independente.

Por não ser de interesse para o presente trabalho, não comentaremos as restrições propostas por Souza (1999) mais detalhadamente. Basta, para os fins desta pesquisa, a

discussão apresentada acima sobre a noção de causação e a constatação de que ainda existem muitas questões pendentes ou carentes de um olhar diferenciado.

#### **2.4 Naves (2005)**

A tese de Naves apresenta uma análise para o fenômeno da alternância causativo-ergativa focalizando, principalmente, os predicados psicológicos do português brasileiro e sendo estendida aos demais predicados causativos. A autora busca responder à questão de por que existem verbos que formam construções ergativas e verbos que não formam, investigando as propriedades, em termos de traços abstratos, dos predicados diretamente ligados à alternância causativo-ergativa e a questão de como se dá o mapeamento dos argumentos na estrutura sintática.

É assumida a hipótese de que os traços abstratos relevantes para a explicação da alternância sintática psicológica e causativa estão relacionados ao predicado VP, isto é, ao composto verbo e argumento interno. Dessa maneira, segundo Naves, a maior contribuição de seu trabalho pode estar no deslocamento do tratamento da alternância da relação entre o predador verbal e a posição de sujeito para a relação entre o predador e seu argumento interno. A pesquisa se insere no quadro teórico dos estudos gerativistas, mais especificamente no âmbito do Programa Minimalista (Chomsky, 1995), e pretende dar um tratamento teórico aos componentes de significado e demais propriedades encontradas que licenciam a alternância psicológica e causativa. Assim, a autora pretende apreender os traços mais abstratos possíveis, relacionados aos predicados alternantes, responsáveis pelo mapeamento dos argumentos em duas configurações sintáticas distintas, a causativa e a ergativa. Tal preocupação advém do pressuposto, também assumido por outros pesquisadores, de que dada a possibilidade de certos predadores verbais possuírem comportamento sintático semelhante, há de se supor que esses predadores compartilham de propriedades semânticas específicas, a fim de que a aquisição ocorra de forma eficiente. Portanto, a autora também assume a existência de princípios que norteiam a aquisição e a utilização do sistema lingüístico e se propõe a fornecer uma proposta de análise sincrônica para a alternância causativo-ergativa no PB.

Vários estudos de base semântica e sintática para a alternância psicológica e causativa são retomados, investigando-se as propriedades semânticas dos verbos psicológicos. A autora, assim como outros autores, também propõe que as noções de

causação, de controle pelo protagonista e de afetação sejam os componentes de significado que vão permitir chegar aos traços mais abstratos que distinguem os verbos alternantes dos não alternantes; embora tais propriedades semânticas sejam enfatizadas como sendo noções meramente descritivas, ou seja, relevantes para a análise, mas não suficientes para se explicar por que certos verbos alternam e outros não. Segundo ela, são apenas dois os traços responsáveis pela possibilidade de um verbo alternar: o traço [téliico] do item lexical verbal e o traço [mudança de estado] para o argumento interno. Essas duas propriedades, composicionalmente, definem a classe de verbos que alternam no português brasileiro. Seguindo sugestão de Lobato (c.p.), é observado ainda que parece existir uma hierarquia de primazia para essas propriedades, ou seja, na computação, o traço a ser checado primeiro seria o do verbo, para, depois, ser combinado ao traço do argumento interno. Se o argumento interno possuir o traço [+ mudança de estado], há possibilidade de alternância; caso contrário, a alternância não é licenciada.

Entretanto, existem alguns verbos que mostram que as propriedades aspectuais não contribuem para a explicação da alternância causativo-ergativa. Analisemos os exemplos:

(25) a. Milton conquistou Célia com suas palavras bonitas.

b. \* Célia (se) conquistou com as palavras bonitas.

(26) a. Maria ganhou uma casa.

b. \* A casa ganhou.

Pela proposta de Naves, o primeiro traço a ser checado na computação seria o do verbo, ou seja, o traço [+ télico]. Os verbos *conquistar* e *ganhar* são verbos [+ télicos], ou seja, na classificação de Vendler (1967), o primeiro seria um *accomplishment* e o segundo, um *achievement*, ambos predicados télicos. O segundo traço a ser checado seria o do argumento interno, ou seja, [+ mudança de estado]. Os argumentos internos *Célia* e *a casa abandonada* são marcados com o traço [+ mudança de estado], ou seja, mudança de estado psicológico para o primeiro, e mudança de estado físico para o segundo, que são os únicos tipos de mudança de estado considerados relevantes na análise de Naves. Os verbos *conquistar* e *ganhar* reúnem, então, todas as condições favoráveis, de acordo com a proposta da autora, para aceitar as construções ergativas; entretanto, isso não ocorre, como vimos com os exemplos acima. Além disso, percebemos que o traço [+

télico] não é relevante para a alternância causativo-ergativa, pois, se entendermos os predicados causativos, ou seja, os predicados passíveis de sofrer a alternância causativo-ergativa, como aqueles que têm um afetado ou paciente como complemento e podem ter uma causa como sujeito, veremos que as atividades não são predicados causativos e, por isso, não formam construções ergativas. Apenas *accomplishments* e *achievements* são predicados causativos e são também os únicos predicados [+ télicos]. Assim, o traço referente à telicidade não é distintivo para a alternância causativo-ergativa, pois todos os predicados causativos são predicados télicos.

Poderíamos recorrer a alguma condição postulada para o argumento externo, mas a autora afirma que apenas esses dois traços, um relativo ao verbo e o outro relativo ao argumento interno, são relevantes para a alternância sintática. Ela destaca como novidade em sua análise o fato de propor restrições para a alternância causativo-ergativa em relação ao verbo e seu argumento interno, embora, na literatura (cf. Whitaker-Franchi, 1989; Levin, 1989, dentre outros), encontremos diversas análises para a alternância causativo-ergativa que partam da relação de afetação para o argumento interno. Para justificar sua perspectiva, a autora argumenta que a existência das construções ergativas diz respeito ao fato de a gramática admitir que um evento seja expresso pela relação entre o verbo e o seu argumento interno, licenciando essa combinação assim como licencia uma sentença intransitiva. Segundo a autora, esse fato pode ser esquematizado da seguinte forma, em que (a) e (b) representam estruturas de evento:

- (27) a. Argumento externo – V – Argumento interno → Sentença transitiva.  
b. .... – V – Argumento interno → Sentença intransitiva.

As propriedades do argumento externo não são relevantes para a alternância causativo-ergativa, pois não podem ser acessadas na computação, como mostra 25b. Segundo a autora, o traço do argumento externo importa apenas para a interpretação do sujeito dos verbos transitivos alternantes em relação aos não alternantes. Vamos mostrar, então, como a autora trata a interpretação do argumento externo.

Recorrendo à interpretação bieventual dos predicadores causativos proposta principalmente por Levin & Rapaport-Hovav (1995)<sup>5</sup>, a autora investiga qual traço seria responsável por essa interpretação, já que sua análise é feita em termos de traços abstratos. Ela propõe que a diferença de interpretação entre o sujeito de um verbo alternante (bieventual), como *quebrar*, e o sujeito de um verbo não-alternante (monoeventual), como *construir*, reside no fato de que o sujeito de *quebrar* é interpretado por [ação de entidade] e o sujeito de *construir* por [entidade]. A autora propõe testes sintáticos que comprovem a interpretação bieventual dos predicados alternantes. Os testes de modificação pelo advérbio *quase*, aplicado em (26) e de formação de passivas verbais e adjetivais, em (27)<sup>6</sup>, são, segundo a autora, evidências para a interpretação bieventual:

(28) Modificação por *quase*:

- a. O menino quase quebrou a vidraça. (alternante)
- a'. O menino quase fez algo que quebrou a vidraça.
- a''. O menino fez algo que quase quebrou a vidraça.
- b. João quase construiu a casa. (não-alternante)
- b'. \* João quase fez algo que construiu a casa.
- b''. \* João fez algo que quase construiu a casa.

(29) Formação de passivas verbais e adjetivais:

- a. O menino quase quebrou a vidraça. (alternante)
- a'. A vidraça foi quebrada.
- a''. A vidraça ficou quebrada.
- b. João quase construiu a casa. (não-alternante)
- b'. A casa foi construída.
- b''. \* A casa ficou construída.

Embora não afirme categoricamente, Naves parece sugerir estes testes para distinguir predicadores alternantes dos não-alternantes. Contudo, não são testes seguros, como podemos verificar pelos exemplos abaixo. O teste da passiva verbal não foi aplicado por não ser contrastivo:

---

<sup>5</sup> É bastante conhecido na literatura o fato de os predicados causativos serem compostos de dois sub-eventos: um evento de causação e um evento de mudança de estado. O primeiro evento está geralmente associado ao argumento externo e o segundo ao composto V + argumento interno.

<sup>6</sup> Exemplos de Naves (2005:165-166).

(30) a. João quase vendeu a casa. (alternante)

b. ??? João quase fez algo que vendeu a casa.

c. ??? João fez algo que quase vendeu casa.

d. \* A casa ficou vendida.

(31) a. João quase conquistou Maria. (não-aternante)

b. João quase fez algo que conquistou Maria.

c. João fez algo que quase conquistou Maria.

d. \* Maria ficou conquistada.

O verbo *vender* aceita a construção ergativa, como vimos mais acima. Entretanto, não aceita os testes propostos por Naves: a modificação pelo advérbio *quase* não denota ambigüidade; e o teste da passiva adjetiva também não é aceito. Já em (29), embora o teste da passiva adjetiva funcione como previsto por Naves, o verbo *conquistar* admite a ambigüidade nas construções com o advérbio *quase*, denotando interpretação bieventual, o que não deveria ocorrer.

Portanto, podemos concluir, sobre a proposta de Naves, primeiramente, que as propriedades aspectuais não revelam restrições sobre o comportamento dos verbos do PB em relação à alternância causativo-ergativa, e, em segundo lugar, que uma investigação sobre as propriedades semântico-lexicais parece ser uma direção mais consistente, visto que muitos autores abordam noções semânticas como causação, controle, afetação e papéis temáticos para tratar desse fenômeno.

## CAPÍTULO 3

### REFERENCIAL TEÓRICO: UMA PROPOSTA PARA OS PAPÉIS TEMÁTICOS (CANÇADO, 2003; 2005)

#### 3.1 Introdução

Este capítulo apresentará o referencial teórico assumido em nossa pesquisa, que é a proposta de Cançado (2003, 2005) para os papéis temáticos. Entretanto, antes de passarmos à proposta da autora, vamos discorrer, brevemente, sobre a noção mais geral de papel temático na literatura.

As relações de dependência entre os termos da sentença são geralmente traduzidas por noções sintáticas, como as noções de sujeito e objeto. No entanto, essas noções não esgotam a qualidade da relação que se estabelece entre os itens lexicais na sentença:

- (1) a. João consertou a porta com uma chave de fenda.  
b. A porta consertou.  
c. A chave de fenda consertou a porta.

Observe que em (1), o sintagma *a porta* desempenha a função semântica de ser paciente da ação de *consertar* em (a), (b) e em (c), embora exerça a função sintática de objeto em (a) e (c) e de sujeito em (b). O mesmo pode ser observado para o sintagma *uma chave de fenda*, que desempenha o papel semântico de instrumento em (a) e (c), mas ocupa a posição de adjunto em (a) e de sujeito em (c). Embora as funções sintáticas sejam diferentes para os argumentos mencionados, podemos perceber que as sentenças em que eles aparecem estão relacionadas. Existe uma relação de sentido entre as sentenças em (1), porque existe uma relação de sentido entre os termos de cada sentença. Tratando-se do mesmo evento e dos mesmos elementos no mundo, podemos perceber que a relação de sentido entre eles é a mesma para as três sentenças. Essa relação de sentido, que também contribui para a relação de dependência entre os termos, é de natureza



semântica, e geralmente explicitada por noções conhecidas como papéis temáticos. Os papéis temáticos traduzem as relações semânticas entre um predicador e seus argumentos, ou seja, as funções desempenhadas pelos argumentos de um predicador na sentença, dado a relação de sentido que se estabelece entre o argumento e o predicador.

O estudo das relações semânticas, na literatura, pouca formalização obteve dessas noções. Nos estudos gerativistas, por exemplo, os papéis temáticos são abordados como conceitos sintáticos, fazendo parte da teoria temática, sendo esta um módulo do modelo computacional da linguagem. Assim, o conteúdo semântico das funções temáticas não interessa para a teoria gerativa, o importante é a distinção theta x theta barra, ou seja, interessa se há ou não atribuição dos papéis temáticos dentro da sentença. Os papéis temáticos são tratados como diacríticos ou meros índices na estruturação sintática das sentenças. Entretanto, para o presente trabalho, essa abordagem não se justifica, pois uma descrição semântica deve procurar justamente estabelecer o conteúdo semântico das relações estudadas.

Muitos autores, procurando descrever o conteúdo dos papéis, como Fillmore (1968, 1971), Halliday (1967), Chafe (1970) e outros, na tentativa de definir essas noções, apresentaram conceitos muito vagos e informais. As noções descritivas de agente, paciente, etc, embora muito intuitivas, não encontram definições convergentes na literatura e, às vezes, são até sobrepostas. Por exemplo, Fillmore define o agente como um ente animado responsável pela ação ou desencadeamento dos processos, já Chafe inclui forças naturais, causas e inanimados na função de agente. Por outro lado, Cook (1979) define objetivo da mesma maneira que Gruber (1965) define tema, ou seja, como o objeto em movimento ou locado. Portanto, para alcançar os objetivos e testar as hipóteses deste trabalho, faz-se necessário adotar uma definição mais formal de papéis temáticos. Por isso, o referencial teórico aqui adotado é baseado num estudo mais fino dos papéis temáticos, proposto inicialmente por Cançado (1995), Franchi e Cançado (1997) e tendo como proposta final os trabalhos de Cançado (2003, 2005).

### **3.2 Cançado (2003, 2005): os papéis temáticos**

Cançado entende que o conteúdo semântico dos papéis temáticos é relevante para a teoria gramatical, visto que alguns fenômenos sintáticos, como as alternâncias de diátese, são sensíveis a propriedades semântico-lexicais. Então, partindo da hipótese formal de Jackendoff (1983, 1990), entre outros autores, de que a semântica constitui-se

um módulo autônomo, que restringe propriedades sintáticas e organiza estruturalmente as sentenças, a autora reformula o conceito de papel temático, visando, também, uma definição formal, mas que trate de uma forma mais fina o conteúdo semântico dos papéis temáticos.

Primeiramente, apoiando-se na idéia de predicação semântica de Franchi (1997), Cançado assume a noção de predicação como uma relação de sentido que se estabelece entre uma ‘expressão predicadora’ e seus argumentos, incluindo-se entre os predicadores não apenas verbos, mas também nomes, adjetivos, advérbios, preposições e mesmo expressões complexas. Em segundo lugar, a autora define papel temático como uma noção derivada de um grupo de propriedades semânticas. Segundo ela, os itens lexicais abrigam propriedades de sentido que interagem na sentença, e são essas propriedades que compõem o papel temático de um dado argumento. Assume-se, então, assim como vários outros autores, Jackendoff (1983), (1990); Foley e Van Valin (1984) e Dowty (1991), um conceito de papel temático derivado, ou seja, os primitivos em sua proposta são essas propriedades e não as noções de ‘agente’, ‘paciente’, ‘tema’, etc.

Para se chegar às propriedades que compõem os papéis temáticos, Cançado utiliza-se da idéia de acarretamento lexical, proposta por Dowty (1989). Dowty estende a noção de acarretamento lógico<sup>7</sup> aos itens lexicais, mais especificamente, aos verbos. Então, aplicando a definição, numa sentença do tipo  $x V y$ , o papel temático do argumento  $x$  será o conjunto de propriedades acarretadas lexicalmente a  $x$  pelo verbo, ou seja,  $P_n(x)$ , somente por sabermos que  $x V y$  é verdade. Analisemos a sentença:

(2) João quebrou o vaso com um martelo.

O papel temático de *João* é o conjunto de propriedades que podemos inferir sobre *João* na sentença acima: ser animado, ser o desencadeador do processo de *quebrar*, ter intenção, ter mãos, usar um instrumento, etc. Essas propriedades são, portanto, acarretamentos lexicais do verbo *quebrar* para  $x$ .

Observe que a idéia de composicionalidade é outra noção importante na proposta de Cançado. Assume-se que, para a atribuição de papel temático aos argumentos de um predicador, deve-se considerar toda a proposição em que esses argumentos encontram-se, inclusive as estruturas de adjunção. É importante notar, entretanto, que as relações

---

<sup>7</sup> O acarretamento, uma noção estritamente semântica entre sentenças, é aquilo que podemos inferir de uma sentença A somente por sabermos que ela é verdadeira.

de sentido que se estabelecem entre os itens lexicais ocorrem numa estrutura conceitual semântica, ou seja, os acarretamentos lexicais e a atribuição dos papéis temáticos ocorrem no nível semântico da proposição, anteriormente à formação sintática da sentença. Vejamos que, se mudarmos o adjunto da sentença acima, o papel temático de  $x$  também pode mudar:

(3) João quebrou o vaso com o empurrão que levou.

Em (3), o papel temático de *João* é o conjunto de propriedades que podemos inferir sobre ele a partir da sentença acima: ser animado, ser o desencadeador do processo de *quebrar*, etc.; mas não podemos inferir, por exemplo, que ele teve intenção. Portanto, o papel temático, visto como conjunto de propriedades, pode mudar conforme a composição dos itens lexicais na sentença.

Entretanto, sabemos que nem toda propriedade semântica é relevante gramaticalmente. Em (2), por exemplo, embora possamos inferir que ter mãos é uma das propriedades de *João*, esse não é um acarretamento que tenha relevância para qualquer tipo de estruturação sintática, seja para a organização das sentenças ou para tipos de alternâncias possíveis. Cançado, em um extenso trabalho empírico, destaca as propriedades mais relevantes gramaticalmente, tanto para uma proposta sobre princípios de organização sintática como para possíveis restrições semânticas a certas propriedades de alternâncias sintáticas. As propriedades mais relevantes são: ‘ser o desencadeador de um processo’, ‘ser o afetado por esse processo’, ‘estar em determinado estado’ e ‘ter o controle sobre a ação, o processo ou o estado’. Vamos, então, examinar mais detalhadamente cada uma dessas propriedades.

### 3.2.1 A propriedade de Desencadeador

A propriedade de ser o desencadeador é definida como ter algum papel no desenrolar do evento<sup>8</sup>. Se, por exemplo, numa sentença  $x \text{ V } y$ , é acarretada a  $x$ , no conjunto  $P_n(x)$ , a propriedade de ter um papel no desencadeamento do evento, dizemos

---

<sup>8</sup> Utilizamos o termo *evento* para nos referir aos tipos de ação, ou seja, assumimos os eventos como dinâmicos e, do ponto de vista do aspecto lexical, servem para denominar achievements, accomplishments e atividades. Para nos referirmos a todos os tipos de classes acionais, inclusive os estados, utilizaremos o termo *eventualidade*, seguindo sugestão de Wachowicz & Foltran (a sair).

que  $x$  tem o desencadeador como uma das propriedades de seu papel temático. Vejamos o exemplo:

(4) *João* quebrou a porta.

Na sentença acima, podemos inferir para  $x$ , no conjunto  $P_n(x)$ , a propriedade de ser o desencadeador do evento de *quebrar a porta*, como uma das propriedades componentes de seu papel temático. Entretanto, é importante realçar que a propriedade de desencadeador não corresponde ao papel temático comumente denominado como causa. Por exemplo, o desencadeador pode aparecer como propriedade componente de outros papéis temáticos. Para um verbo de processo psicológico, por exemplo, o desencadeador pode estar entre o grupo de propriedades associadas ao argumento  $x$ , além de outras propriedades:

(5) *João* analisou o processo.

Podemos inferir para  $x$ , no conjunto  $P_n(x)$ , as propriedades de ser o desencadeador do processo, de ter o controle sobre o processo e de ser o experienciador do processo de *analisar*; estando essas três propriedades entre as que compõem o papel temático atribuído a  $x$ .

### 3.2.2 A propriedade de Afetado

A propriedade de ser afetado por um processo é definida como a mudança de um estado A para um estado B. Nesta dissertação, adotamos uma noção bem ampla de mudança de estado, abrangendo a mudança de um lugar para outro, ou seja, o deslocamento; a mudança de posses; a mudança de estado físico, ou seja, mudança de constituição física de pessoas e objetos; a mudança de estado de existência, ou seja, mudança do estado de não existir para o estado de passar a existir; a mudança de estado psicológico ou mental; etc. Analisemos alguns exemplos:

(6) *João* carregou *a mala*.

No exemplo acima, podemos inferir para o argumento *a mala*, no conjunto de propriedades acarretadas, a propriedade de ser o afetado no processo, pois ela foi deslocada de um lugar para outro.

A mudança de posses também é um tipo de afetação. Na sentença em (10), podemos inferir para *Maria* a propriedade de ser afetada no processo: ela obteve uma mudança em suas posses. O argumento *a casa*, em (11), também é associado à propriedade de ser o afetado, pois mudou de possuidor:

(7) *Maria* recebeu uma herança.

(8) *Maria* vendeu *a casa*.

Podemos ter, ainda, um argumento cujo papel temático tem entre suas propriedades, a propriedade de afetado, em que a mudança de estado sofrida é uma mudança em sua constituição:

(9) João quebrou o *vaso*.

A afetação pode estar relacionada também à mudança de um estado de não existência para um estado de existência:

(10) João construiu *uma casa*.

A propriedade de ser o afetado pode ser também mudar de um estado psicológico:

(11) *Maria* se preocupa com João.

Outro exemplo em que ocorre a propriedade de ser o afetado:

(12) O assassino matou *o refém*.

Na sentença acima, podemos inferir para o argumento *o refém*, no conjunto de propriedades acarretadas a ele, a propriedade de ser afetado no processo: ele mudou de um estado A, estar vivo, para um estado B, estar morto.

Podemos, ainda, ter a propriedade de afetado associada também à propriedade de ser o desencadeador de um processo. Um desencadeador afetado é definido como aquele que desencadeia um processo e, ao mesmo tempo, é afetado por esse processo, ou seja, muda de um estado A para um estado B:

(13) *O menino correu.*

Na sentença acima, podemos inferir para *o menino* a propriedade de ser o desencadeador da ação de *correr* e também a propriedade de ser o afetado por essa ação, ou seja, ele muda de um estado A para um estado B.

### 3.2.3 A propriedade de Estativo

A propriedade de estativo ocorre quando uma proposição acarreta a seu argumento que suas características não se alterem em um intervalo de tempo  $t$ . Em outras palavras, um argumento possui a propriedade de estativo quando seu estado permanece o mesmo em cada sub-unidade de tempo  $t$ :

(14) João leu *um livro*.

Na sentença acima, é acarretada ao argumento *um livro*, dentre o conjunto de propriedades acarretadas a ele, a propriedade de estar em determinado estado, ou seja, ter suas características preservadas em todos os intervalos de tempo do evento.

Observe que a propriedade de estativo pode ser associada a outras propriedades, tais como, ser o possuidor, estar em uma experiência psicológica, ser o valor, ser a qualidade, ser o lugar, etc., como mostram os exemplos abaixo respectivamente:

(15) a. *João tem uma casa.*

b. *João adora festas.*

c. *Este livro custa cem reais.*

d. *Esta casa apresenta uma linda arquitetura.*

e. *João mora em Belo Horizonte.*

### 3.2.4 A propriedade de Controle

Diferentemente de outras propostas da literatura, Cançado não entende a noção de controle como que associada apenas à noção de agente. Essa propriedade é assumida de forma mais ampla, podendo ser associada também a pacientes, experienciadores e até mesmo a estados. Desse modo, a propriedade de controle é definida pela autora como a capacidade de se interromper uma ação, um processo ou um estado, estando intimamente relacionada a animacidade. Portanto, essa propriedade ocorre apenas em associação com alguma das outras três propriedades explicadas acima, mas nunca isoladamente. Analisemos alguns exemplos.

Primeiramente, a propriedade de controle pode ser associada à propriedade de desencadeador. Ser um desencadeador com controle é ter a capacidade de não iniciar o processo:

(16) João escreveu uma carta.

Em (16), o papel temático de  $x$  é o conjunto de propriedades acarretadas a  $x$ ,  $P_n(x)$ , pelo verbo *escrever* mais o argumento *uma carta*, de uma forma composicional, a qual Franchi (1997) chama de expressão predicadora complexa. Podemos inferir que *João* desencadeou o processo de *escrever uma carta* e que teve controle sobre o início desse processo. O papel temático de *João*, na sentença acima, é o grupo de propriedades ser o desencadeador e ter controle, que vamos nomear como D/C.

A propriedade de controle pode ser associada também à propriedade de ser o afetado. Ser um afetado com controle é ter a capacidade de interromper um processo:

(17) Maria recebeu uma herança.

Em (17), a expressão predicadora *receber uma herança* acarreta a *Maria* a propriedade de ser a afetada no processo, ou seja, mudar de um estado A para um estado B e a propriedade de ter controle sobre esse processo. Assim, o papel temático de *Maria* na sentença acima é o grupo de propriedades ser afetado e ter controle, ou seja, A/C.

Observe como a composicionalidade é uma idéia importante para a atribuição dos papéis temáticos. Na sentença abaixo, com a expressão predicadora *receber um*

*tapa*, a propriedade de controle não pode mais ser inferida para o argumento *Maria*, o que muda o grupo de propriedades atribuídas a *Maria*, ou seja, o papel temático:

(18) Maria recebeu um tapa.

Como pode ser observado, para alguns verbos, a existência ou não da propriedade de ter controle vai depender da composicionalidade desse predicador com outros argumentos, ou até mesmo, da composição com adjuntos. Dizemos, então, que esses verbos não acarretam controle a um argumento, mas podem ser compatíveis com essa propriedade. Analisemos, então, alguns exemplos, para mostrar como a existência ou não da propriedade de ter controle ocorre através da composição com adjuntos:

(19) João quebrou o vaso.

Na sentença acima, não podemos inferir necessariamente a propriedade de controle para *João*, apenas a propriedade de ser o desencadeador. Podemos inserir um adjunto, por exemplo, que explicita a ausência de controle:

(20) João quebrou o vaso com o empurrão que levou do irmão.

Portanto, assim como para o verbo *receber*, a propriedade de controle não é um acarretamento lexical do verbo *quebrar*. Entretanto, isso não impede que *João* possa ter controle sobre esse processo, através de um adjunto, por exemplo, que atribua controle a *João*:

(21) João quebrou o vaso com um martelo.

Assim, quando quisermos representar a rede temática de algum predicador que não acarrete controle necessariamente, mas seja compatível com essa propriedade, usaremos a seguinte nomenclatura: D(C), em que os parênteses indicam a opcionalidade. Vejam que existem verbos em que essa opção não é possível:

(22) A menina nasceu.



Em (22) acima, não existe nenhum tipo de adjunção que possa se compor ao verbo *nascer* para acarretar controle ao argumento *menina*.

Vejamos também como a propriedade de controle pode estar associada à propriedade de estar em um estado. Ser um estativo com controle é ter a capacidade de interromper um estado, pois, como afirma Cançado (2005a:11), “em alguns casos, pode-se interromper o estado em que alguém se encontra, mesmo que não se tenha o controle sobre o começo ou sobre o desenrolar desse processo”:

(23) João mora em BH.

Na sentença acima, são acarretadas a *João* as propriedades de estar em determinado estado e de ter controle para interromper esse estado. O papel temático de *João* é, pois, o grupo de propriedades estativo e controle, ou seja, E/C.

### **3.3 A projeção dos papéis temáticos na estrutura sintática**

Vejamos agora, brevemente, como se faz a passagem desses papéis temáticos para a estrutura sintática das sentenças. Para falar de uma eventualidade no mundo o falante dispõe das expressões lingüísticas, que são estruturas lineares. Primeiramente, o falante adota uma perspectiva, um ponto de vista a partir do qual ele irá organizar sua sentença e escolhe, também, os itens lexicais que serão empregados. Podemos perceber, então, que essa escolha não é livre de restrições, mas depende da disponibilidade lexical e morfológica da língua. Assim, podemos pensar que o léxico, a morfologia e suas respectivas propriedades funcionam como filtros para a formação de sentenças. Além do léxico, a passagem da proposição semântica para a sintaxe depende de regras de projeção. Assumimos que a semântica constitui-se um módulo lingüístico autônomo, assim como a sintaxe, e que essas estruturas estão relacionadas por princípios e restrições de interface. Existem, pois, restrições de ordem semântica para a estruturação sintática das sentenças, além de restrições próprias da sintaxe. Essa estruturação das eventualidades é importante para a projeção dos papéis temáticos na estrutura sintática, pois os papéis temáticos são atribuídos na estrutura conceitual semântica e projetados por meio de regras que os organizam e determinam a posição que devem ocupar na sentença. O princípio de hierarquia temática é uma dessas restrições na interface entre semântica e sintaxe, assim como outras regras semântico-lexicais. É importante realçar que, na proposta de Cançado,

essas regras de projeção são formadas pelas propriedades vistas acima. Elas participam, inclusive, do princípio de hierarquia temática. Vejamos, brevemente, como funciona esse princípio.

O princípio de hierarquia temática estabelece uma relação entre as posições sintáticas nucleares de sujeito e objeto e as funções semânticas desempenhadas pelos argumentos de um predicador. Assim, ele prediz, dados dois argumentos, qual tem a primazia para ocupar a posição de sujeito. Na proposta de Cançado, esse princípio é enunciado como: desencadeador com controle > desencadeador > afetado com controle > afetado > estativo com controle > estativo. Tomemos um exemplo. O verbo *quebrar* atribui dois papéis temáticos em sua estrutura argumental: um que tem dentre as suas propriedades a de ser o desencadeador e outro que tem dentre as suas propriedades a de ser o afetado. O princípio de hierarquia temática prediz que o argumento que tem o desencadeador como uma de suas propriedades tem primazia para ir para a posição de sujeito sobre o argumento que tem o afetado como uma de suas propriedades. Trata-se, portanto, de uma organização da sintaxe a partir da semântica: possuir a propriedade de desencadeador mapeia o argumento na posição mais alta (sujeito), enquanto que o argumento que possui a propriedade de afetado é mapeado na posição de objeto.

Existem também outras regras que determinam a passagem da proposição semântica para a sintaxe. Assumimos que a formação de construções ergativas, por exemplo, obedece a regras semântico-lexicais, que são constituídas por propriedades semântico-lexicais. Entretanto, é necessário entender como essas propriedades semânticas dos predicadores estão representadas no léxico.

Adotando apenas a definição de Dowty (1989, 1991) em toda a sua extensão, as propriedades representadas no léxico seriam os próprios acarretamentos lexicais dos itens. Entretanto, como vimos, os papéis temáticos são compostos não apenas de propriedades semântico-lexicais acarretadas lexicalmente, mas também de propriedades semântico-lexicais acarretadas composicionalmente por toda a proposição em que o argumento encontra-se. Utilizando um exemplo de Cançado (2005), veja que, na sentença abaixo, a propriedade de ter controle sobre o processo só pode ser atribuída ao argumento *Maria* pela composição dos itens na proposição:

(24) Maria matou a galinha com uma faca afiada.

É apenas com a composição da expressão *matar a galinha* com a expressão *com uma faca afiada* que podemos atribuir controle a *Maria*. O item *matar* não possui como acarretamento lexical a propriedade de controle, ou seja, não pode atribuir controle isoladamente ao desencadeador:

(25) A doença matou a galinha.

Conseqüentemente, temos um léxico menos restritivo, no qual, para um item lexical predicador, estão marcados seus acarretamentos lexicais e também as propriedades compatíveis com ele. A rede temática será então constituída dessas informações e não de papéis temáticos, como é assumido na literatura:

(26) MATAR: V, {D(C), A}

Na entrada lexical acima, temos que MATAR é um verbo, que acarreta necessariamente um desencadeador desse processo e um afetado por esse processo, sendo o desencadeador compatível com a propriedade de controle. Portanto, nas palavras de Cançado (2005:12) “o acarretamento lexical é uma primeira fonte de informação, mas a composição com outros itens da sentença ainda pode acrescentar informações e alterar o papel temático de um dado argumento”.

### **3.4 Considerações finais**

Podemos, então, apresentar algumas razões para se adotar a proposta de Cançado. A primeira vantagem de sua proposta decorre do fato de se assumir os papéis temáticos como noções derivadas, que são compostos basicamente de quatro propriedades, podendo essas propriedades ser combinadas em vários papéis temáticos diferentes. Portanto, as definições usadas irão se restringir apenas a essas propriedades, ao contrário das diversas definições encontradas nas extensas listas de papéis temáticos usados na literatura. A segunda vantagem está na idéia de composicionalidade na atribuição dos papéis temáticos, o que permite maior flexibilidade ao sistema. Retomemos um exemplo:

- (27) a. Eduardo abriu a porta.  
b. Eduardo abriu a porta com a chave.  
c. Eduardo abriu a porta com um empurrão que levou.

É apenas com composição do VP *abrir a porta* com o PP *com a chave*, em (27b), que podemos inferir o controle ao sujeito, que recebe o papel temático de desencadeador com controle. Por outro lado, embora o verbo *abrir* seja compatível com a propriedade de ter controle, como vimos em (27b), não se pode atribuir controle ao sujeito em (27a), pois essa propriedade não é um acarretamento lexical do verbo *abrir*. É importante observarmos que podemos ter uma sentença como (27c), em que a propriedade de ter controle não pode ser inferida. Assim, enfatizamos que existem verbos que são compatíveis com controle, como o verbo *abrir* e verbos que acarretam lexicalmente a propriedade de ter controle, independentemente da composição dos itens na sentença:

- (28) Paulo cortou a camisa.

O verbo *cortar* acarreta, lexicalmente, a propriedade de controle, que é associada ao argumento que recebe a propriedade de ser o desencadeador do processo. O argumento *Paulo* desempenha a função semântica de desencadeador com controle na sentença acima.

Conseqüentemente, temos também como vantagem, um léxico menos restritivo, em que estão marcados não apenas os acarretamentos lexicais de um predicador, mas também as possibilidades permitidas por esse predicador, dado à idéia de composicionalidade na atribuição de papéis temáticos.

Para concluir, a proposta adotada nesta dissertação assume que as noções de desencadeamento, afetação, estado e controle são as propriedades semânticas relevantes gramaticalmente para o mapeamento sintático dos argumentos na sentença. Buscaremos, então, a partir da investigação dessas propriedades semânticas, e outras, se relevantes, estabelecer as restrições semântico-lexicais, ou seja, as regras semântico-lexicais que determinam a formação de construções ergativas.

## CAPÍTULO 4

### UMA PROPOSTA DE ANÁLISE PARA A ALTERNÂNCIA CAUSATIVO-ERGATIVA NO PB

Neste capítulo, apresentaremos os resultados de nossa pesquisa. Num primeiro momento, trataremos do problema de como classificar um verbo quanto a sua transitividade e dos processos sintáticos envolvidos nas alternâncias de verbos causativos e processuais.

Em seguida, examinaremos os tipos de construções resultantes do processo sintático de alçamento do complemento à posição de sujeito, focalizando as construções ergativas.

Por fim, apresentaremos nossa proposta sobre as restrições semântico-lexicais que licenciam a formação de construções ergativas no português brasileiro. Foram analisados 201 verbos no PB, em 527 sentenças, em relação à alternância causativo-ergativa.

#### 4.1 O problema da transitividade

A alternância causativo-ergativa significa, sintaticamente, uma mudança de transitividade:

- (1) a. Maria quebrou o espelho.  
    b. O espelho quebrou.
- (2) a. A chave sumiu.  
    b. Lucas sumiu a chave.

Os pares de sentenças acima são exemplos da alternância causativo-ergativa: em (a) temos uma construção transitiva, que ilustra a perspectiva causativa de um evento no mundo (algo/alguém causou uma mudança de estado em um objeto/pessoa) e, em (b), temos, com o mesmo verbo, uma construção intransitiva, que ilustra a perspectiva

ergativa (algo/alguém mudou de estado). Como estamos tratando de uma ‘alternância’, utilizamos o termo *construção*: um verbo V pode figurar em uma sentença transitiva, com dois ou mais argumentos e também em uma sentença intransitiva, com apenas um argumento; sendo cada uma dessas sentenças uma ‘construção’ diferente com o mesmo verbo. Assim, assumimos que dizer que o verbo V encontra-se em uma construção transitiva ou intransitiva é diferente de dizer que ele ‘é’ um verbo transitivo ou intransitivo. Por isso, entendemos que estudar alternâncias requer, primeiramente, uma reflexão sobre a transitividade na língua.

Uma questão importante que emerge desta pesquisa é se um verbo alternante é basicamente transitivo ou intransitivo. Obviamente, não podemos postular duas entradas lexicais: uma transitiva e outra intransitiva; é mais econômico pensar, em termos de aquisição e conhecimento da língua, que existe uma forma básica e que restrições semântico-lexicais permitem a construção da outra forma. Nesses termos, estamos assumindo que tanto a forma de transitividade primitiva de um verbo quanto a possibilidade de alternância de sua transitividade estão marcadas no léxico, como propriedades semântico-lexicais. Em outras palavras, assumimos que essas características sintáticas são derivadas de propriedades semântico-lexicais primitivas dos itens lexicais, ou seja, se traduzem quando propriedades semântico-lexicais específicas são projetadas na sintaxe<sup>9</sup>. Tendo isso em vista, formulamos a seguinte questão: como tratar os verbos alternantes quanto a sua transitividade básica? Qual a forma básica que estaria marcada no léxico?

Recorrendo à literatura, Levin (1993) assume que dadas duas ocorrências de um mesmo verbo, uma transitiva e outra intransitiva, a intransitiva deve ser considerada a fundamental. Porém, em Levin & Rappaport-Hovav (1995), há uma reformulação dessa proposta e as autoras afirmam que se um verbo possui as ocorrências transitiva e intransitiva, sua forma mais básica deve ser a transitiva, pois, do contrário, não seria possível derivar a forma transitiva da intransitiva. Entretanto, na proposta das autoras não fica explícito como verificar que a forma mais básica de um verbo que apresenta as duas ocorrências é a transitiva.

Whitaker-Franchi (1989:121), embora sem discutir o tema, cita casos que considera serem ilustrativos de uma “causativização ou transitivização”, ou seja,

---

<sup>9</sup> É nesse sentido que usaremos a palavra ‘derivada’, e não no sentido da gramática gerativa, ou seja, não como sinônimo de transformação.

“verbos mais tipicamente usados como intransitivos que apresentam um emprego transitivo mais excepcional”:

(3) Essa escova dói a cabeça.<sup>10</sup>

(4) A bicicleta sua você. (verbo *suar*)

Tais processos se contrapõem ao que a autora chama de “decausativização ou ergativização”, ou seja, “o emprego intransitivo de verbos tipicamente transitivos”:

(5) a. Elisa abriu a gaveta.

b. A gaveta abriu.

Porém, a autora não mostra quais são os verbos “tipicamente transitivos” e quais são os verbos “tipicamente intransitivos”, nem como podemos verificar a forma típica de transitividade dos verbos.

Ainda podemos observar que alguns outros autores não fazem menção à divisão que estamos assumindo em relação à transitividade básica e a transitividade resultante de verbo que participa de uma alternância sintática. Burzio (1986), por exemplo, propõe que sentenças intransitivas, cujos sujeitos recebem o papel temático de tema (ou possuem a propriedade de afetado dentre as propriedades de seu papel temático, em nossa proposta), possuem verbos que o autor denomina de inacusativos ou ergativos, abrangendo tanto verbos não alternantes intransitivos como *aparecer* e *cair*, quanto verbos alternantes transitivos como *quebrar* e *sumir*. Eliseu (1984), em uma pesquisa sobre verbos 'ergativos', terminologia adotada pelo autor, também trata de verbos como *aparecer* e verbos como *quebrar*, propondo uma mesma análise para ambos os casos. Entretanto, temos uma forte motivação sintática para considerar que esses verbos devem ser tratados de forma distinta; o verbo *quebrar* apresenta duas transitividades distintas, ou seja, é um verbo alternante, ao passo que o verbo *aparecer* não:

(6) a. João quebrou o vaso.

b. O vaso quebrou.

(7) João apareceu.

---

<sup>10</sup> Exemplos de Whitaker-Franchi, 1989:121.

Portanto, a partir da observação dos dados da língua e das direções apontadas na literatura, parece razoável assumir que existem verbos basicamente transitivos que se tornam intransitivos e vice-versa. Por isso, adotamos a proposta de existirem dois processos, descritos em termos estruturais e semânticos, que dão origem a alternâncias sintáticas: a causativização e a ergativização. Antes, porém, de definirmos esses processos mais detalhadamente, mostraremos, primeiramente, como identificar os verbos em relação à sua transitividade básica.

#### **4.1.1 A forma básica de transitividade**

Para estabelecermos quais verbos são basicamente intransitivos e quais verbos são basicamente transitivos, usaremos, como instrumento formal de análise, os acarretamentos lexicais dos verbos. O acarretamento, conforme explicado no capítulo 3, é uma noção estritamente semântica, entre sentenças, que foi estendida por Dowty (1991) aos itens lexicais, mais especificamente, aos verbos. Aplicando a noção de acarretamento, podemos dizer que se  $x V y$  acarreta propriedades para  $x$ , ou seja,  $P_n(x)$ , então, pode-se inferir  $P_n(x)$  em qualquer contexto em que esse verbo ocorra. Em outras palavras, o acarretamento lexical de um verbo é o grupo de tudo o que se pode concluir sobre  $x$  e  $y$  somente por saber que  $x V y$  é verdade, independentemente do contexto sentencial em que esse verbo aparece. Analisemos alguns exemplos, utilizando, num primeiro momento, as formas  $x V y$  e  $y V$  para designar as sentenças transitiva e intransitiva em que aparecem os verbos alternantes, sem preocupação ainda de dizer qual dessas formas é a básica e qual é a derivada:

(8) a. João quebrou o vaso.

b. O vaso quebrou.

(9) a. João sumiu a chave.

b. A chave sumiu.

Em (8a), tem-se a forma transitiva  $x$  QUEBRAR  $y$ , e no conjunto  $P_n(x)$ , tem-se a propriedade de ser o desencadeador do processo, que pode ser chamada de  $P_1(x)$ . Entretanto, se mudarmos o contexto sentencial para a forma ergativa em (8b), ou seja,  $y$  QUEBRAR, ainda assim, podemos inferir  $P_1(x)$ , ou seja, podemos inferir que existe um desencadeador do processo. Isso mostra que independentemente do contexto, mesmo



não estando  $x$  explícito na sintaxe, podem-se inferir as propriedades acarretadas a  $x$ . Portanto, a propriedade de desencadeador do processo é um acarretamento lexical do verbo *quebrar*. O verbo *quebrar* acarreta necessariamente que 'algo quebrou o vaso ou fez o vaso quebrar'. Por outro lado, em (9a), tem-se a forma transitiva  $x$  SUMIR  $y$ , e, dentre as propriedades do conjunto  $P_n(x)$ , tem-se a propriedade de ser o desencadeador do processo,  $P_1(x)$ . Entretanto, em (9b), em que se tem  $y$  SUMIR, não se pode inferir a propriedade de desencadeador do processo. Portanto, a propriedade de desencadeador do processo não é um acarretamento lexical do verbo *sumir*. O verbo *sumir* não acarreta necessariamente que 'algo sumiu a chave ou fez a chave sumir'.

A partir da análise acima, estabelecemos que verbos basicamente causativo-transitivos são aqueles que têm como um de seus acarretamentos lexicais, independentemente do contexto sentencial em que aparecem, a propriedade de desencadeador do processo. Assumimos, então, que a presença dessa propriedade passa a ser um diagnóstico da transitividade de um verbo causativo. O verbo causativo *quebrar* é um verbo basicamente transitivo, pois, independentemente do contexto, tem como acarretamento lexical um desencadeador. O verbo *sumir*, por outro lado, é um verbo basicamente intransitivo, pois não tem como acarretamento lexical a propriedade de desencadeador.

É importante notar que estamos utilizando a noção estritamente lexical do acarretamento, que diz respeito apenas ao conteúdo semântico-lexical dos verbos da língua. Pragmaticamente, todo evento no mundo pode ter uma causa, motivo ou explicação para ocorrer, que não pode ser confundido com a propriedade de desencadeador, que compõe um papel temático. Para uma sentença como:

(10) A Joana caiu.

Aplicando a noção de acarretamento, em (10), tem-se  $x$  CAIR e não se pode inferir um desencadeador do processo dentre o conjunto de propriedades acarretadas pelo verbo *cair*. O verbo *cair* não acarreta, necessariamente, que 'algo fez a Joana cair'. Assim, *cair* não acarreta lexicalmente um desencadeador, mas somente um afetado no processo. Entretanto, isso não impede que exista uma estrutura sintática complexa, com o verbo *cair*, em que haja um desencadeador expresso, ou seja, é perfeitamente possível dizer algo como:

(11) A chuva fez a Joana cair.

Fixaremos, pois, a variável  $x$  como o sujeito das formas transitiva e intransitiva básicas, ou seja,  $x V y$  e  $x V$ ; e a variável  $y$  como o complemento da forma transitiva básica, ou seja,  $x V y$ . Sendo assim, a forma  $y V$  denotará uma forma derivada, em que  $y$  foi alçado para a posição de sujeito; e a forma  $z V x$  também denotará uma forma derivada, na qual  $V$  teve seu sujeito deslocado<sup>11</sup> para a posição de complemento e um outro argumento,  $z$ , foi inserido em sua estrutura como sujeito.

Antes, porém, de passarmos para o problema central desta dissertação, faz-se necessário examinarmos, mais detalhadamente, os verbos tradicionalmente tratados como intransitivos, em relação à nossa proposta para a transitividade.

#### 4.1.2 A hipótese inacusativa e os verbos basicamente intransitivos

Na tradição dos estudos formalistas, os verbos intransitivos dividem-se em duas sub-classes, conforme a hipótese inacusativa de Perlmutter (1978): os inacusativos e os inergativos, sendo cada classe associada a propriedades semânticas e sintáticas específicas. Os verbos inacusativos são aqueles que não possuem sujeito em estrutura profunda e selecionam um argumento afetado; já os inergativos são aqueles que possuem um sujeito em estrutura profunda e selecionam um argumento desencadeador<sup>12</sup>.

Esse fato levou os verbos inergativos à condição de verdadeiros intransitivos, pois, ao contrário dos inacusativos, eles possuem um sujeito em estrutura profunda. Exemplos são:

(12) João correu.

(13) João apareceu.

Em (12), temos um verbo inergativo, *correr*, sendo seu sujeito gerado como argumento externo. Em (13), temos um verbo inacusativo, *aparecer*, que possui um sujeito derivado, gerado como argumento interno, sendo depois alçado para a posição de

---

<sup>11</sup> Realce-se que, quando falamos de deslocamento de argumentos na sentença, não estamos assumindo nenhum tipo de movimento entre níveis sintáticos.

<sup>12</sup> Para maiores detalhes sobre esses verbos, consulte-se Ciríaco e Cançado (2006), além de Burzio (1986) e Perlmutter (1978).

sujeito. Entretanto, em nossa proposta, não assumimos níveis sintáticos, nem movimentos entre esses níveis. Assumimos que existe, para os verbos causativos alternantes, uma forma básica de transitividade e que a outra forma de transitividade é licenciada por propriedades semântico-lexicais dos verbos. Ambas as formas são projetadas diretamente na sintaxe, sendo organizadas por uma estrutura conceitual semântica. Analisemos, então, dentro de nossa proposta, os verbos *correr* e *aparecer* quanto a sua transitividade. Em (12), tem-se a forma  $x$  CORRER, em que se pode inferir um desencadeador para o processo. Em (13), tem-se a forma  $x$  APARECER e não se pode inferir um desencadeador para o processo. O desencadeador é um acarretamento lexical somente do verbo *correr*, mas não do verbo *aparecer*.

Na seção anterior, estabelecemos que a presença da propriedade de desencadeador do processo como um acarretamento lexical de um verbo, como ocorre para *correr* em (12), indica que esse verbo é basicamente transitivo. Porém, além dessa propriedade, vimos também que os verbos basicamente transitivos apresentam a forma  $x$  V  $y$ , mas *correr*, em (12), apresenta a forma  $x$  V. Entretanto, observe que para o verbo *correr*, e também para outros verbos inergativos, é possível recuperar a forma transitiva  $x$  V  $y$  através de um complemento cognato, especificado:

- (14) a. João correu a corrida de São Silvestre.
- b. João cantou uma canção triste.
- c. A bailarina dançou uma dança esquisita.
- d. O atleta nadou um nado eclético.

As construções acima mostram que os verbos inergativos podem aceitar dois argumentos em sua estrutura sintática, o que, juntamente com o fato de que esses verbos acarretam a  $x$  a propriedade de desencadeador do processo, os levaria à condição de verbos basicamente transitivos, pelo menos, implicitamente. Por outro lado, seguindo esse raciocínio, os verbos inacusativos devem ser considerados os únicos verbos realmente basicamente intransitivos, porque além de não acarretarem um desencadeador do processo, a forma transitiva  $x$  V  $y$  não pode ser recuperada nem implicitamente:

- (15) a. \* João caiu uma caída feia.
- b. \* João chegou uma chegada esquisita.
- c. \* Maria apareceu uma aparecida de repente.

d. \* O nenê nasceu uma nascida difícil.

Portanto, os inacusativos são os únicos verbos basicamente intransitivos, ou seja, sintaticamente, são os únicos verbos que não aceitam dois argumentos em sua estrutura sintática. Semanticamente, os inacusativos acarretam a *x* a propriedade de ser o afetado no processo.

Em relação à transitividade dos verbos inergativos e inacusativos, mostraremos, brevemente, na seção seguinte, que existe também uma hipótese de cunho estritamente sintático, em outro quadro teórico, que corrobora essa nossa proposta.

#### **4.1.3 A proposta minimalista para a transitividade dos verbos inacusativos e inergativos**

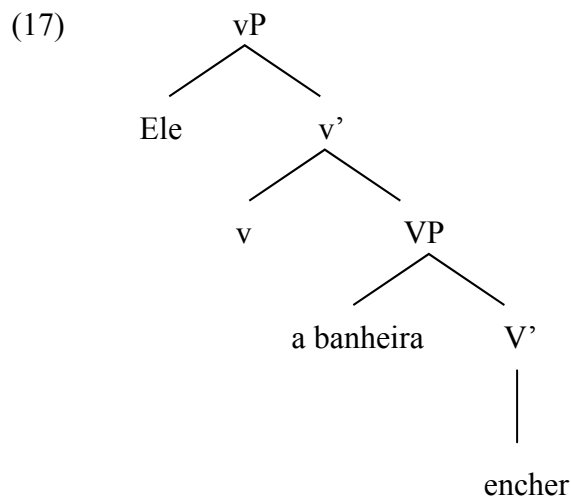
Em Radford (1997), dentre outros autores, é adotada uma estrutura sintática chamada de concha *v-VP*. Essa estrutura foi motivada por fenômenos de alternância, como a alternância causativo-ergativa:

- (16) a. Ele encheu a banheira com água.  
b. A banheira encheu com água.

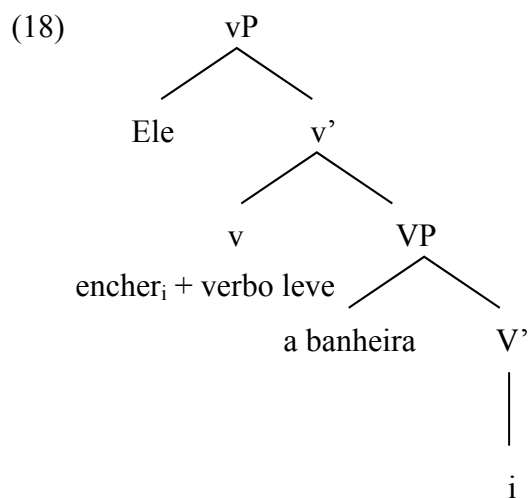
Observou-se, nesses casos, que um mesmo DP, como *a banheira* no exemplo acima, ocupa duas posições sintáticas distintas em cada sentença, mas possui o mesmo papel temático nas duas. Entretanto, segundo a UTAH (Uniformity Theta Assignment Hypothesis), ou hipótese de atribuição temática uniforme, proposta por Baker (1988), os princípios da gramática correlacionam a estrutura temática e a estrutura sintática de maneira uniforme e sistemática, predizendo que dois argumentos que veiculam a mesma função semântica em relação a um predicador devem ocupar a mesma posição subjacente na sintaxe.

Assumindo essa hipótese, Hale e Keyser (1993), e também Chomsky (1995), propuseram uma estrutura articulada para o VP, a ‘concha *v-VP*’, uma estrutura na qual ocorre a duplicação do VP devido à postulação de um verbo causativo leve abstrato. Dessa forma, o DP *a banheira*, no exemplo acima, seria gerado sempre na mesma posição, seja para uma sentença causativa, como em (a), ou para uma sentença ergativa,

como em (b). O argumento afetado ocupa a posição spec VP, e o argumento agente, a posição spec vP:



O núcleo 'v' corresponde a um verbo causativo leve abstrato, ao qual o item lexical verbal se incorpora:

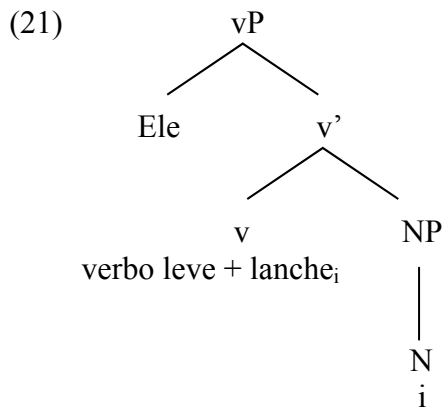


A partir dessa análise, Radford (1997) observa que, para os verbos inergativos, podem-se recuperar paráfrases com um verbo causativo leve, ou seja, de pouco conteúdo semântico, e um complemento nominal:

- (19) a. Eles lançaram.  
 b. Eles fizeram um lanche.

- (20) a. Eles almoçaram.  
 b. Eles fizeram um almoço.

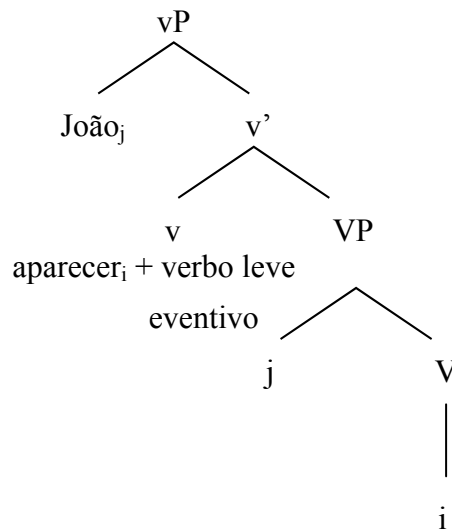
Segundo o autor, os verbos inergativos são formados pela incorporação de um complemento nominal a um verbo agentivo leve abstrato, o que significa que *lanchar* é um verbo transitivo implícito, formado pela junção do nome *lanche* com um verbo abstrato agentivo nulo. Nas palavras do autor, “unergative predicates are not intransitive at all – rather, they are implicitly transitive” (Radford, 1997: 210). A estrutura sintática proposta para essa hipótese é a seguinte:



Para os tradicionais verbos inacusativos, que os autores propõem tratar os como os verbos verdadeiramente intransitivos, tem-se uma estrutura na qual o sujeito é gerado na posição de spec VP, pois se trata de um argumento paciente. A posição Spec vP, nos predicados inacusativos, ficaria vazia; entretanto, o nóculo vP continuaria a figurar na estrutura, pois o núcleo v é considerado um núcleo forte, que contém um verbo leve eventivo afixal interpretado no sentido de *acontecer*. Por não conter argumento à direita de V, os predicados inacusativos são, então, considerados os verdadeiros verbos intransitivos<sup>13</sup>, assim como propusemos na seção anterior, embora em outra perspectiva teórica:

<sup>13</sup> Essa estrutura também pode explicar, conforme argumenta o autor, as características sintáticas exibidas pelos verbos inacusativos, tais como a posposição, a seleção de auxiliar, as formas participiais, dentre outras. Para maiores detalhes, consulte-se principalmente Radford (1997, capítulo 9).

(22) João apareceu.



Concluindo, então, nossa proposta e nossas observações sobre transitividade, vamos associar a noção da transitividade básica dos verbos aos processos de ergativização e causativização.

#### 4.2 Os processos de causativização e ergativização

A ergativização é um processo sintático de alçamento do argumento interno para a posição de sujeito, em que o argumento externo desencadeador pode ser apagado ou deslocado para a posição de adjunção. Esse processo ocorre sempre com verbos basicamente causativo-transitivos, mudando uma sentença com perspectiva causativa (como em (23a)) para uma sentença com perspectiva processual (como (23b)):

- (23) a. João / o vento quebrou o vaso.  
 b. O vaso quebrou (com o vento).

Pode-se perceber, então, que o verbo causativo *quebrar*, basicamente transitivo, passa pelo processo de ergativização formando uma construção intransitiva. Temos, então, as seguintes estruturas:  $x V y \rightarrow y V$ .

A causativização consiste em inserir um argumento desencadeador à estrutura argumental de um verbo basicamente intransitivo, dando origem à forma causativa

sintética ‘ $z V x$ ’, que corresponde semanticamente à forma causativa analítica ‘ $z$  CAUSA  $x V$ ’. Nesse processo, o verbo tipicamente processual incorpora uma causação:

- (24) a. A chave sumiu.
- b. João fez a chave sumir.
- c. João sumiu a chave.

Assim, o verbo *sumir*, basicamente intransitivo, passa pelo processo de causativização formando uma construção transitiva. Temos, então, as seguintes estruturas:  $x V \rightarrow z V x$ .

Recapitulando, consideramos que o verbo *quebrar* é um verbo basicamente transitivo e que o verbo *sumir* é basicamente intransitivo. O primeiro sofre o processo de ergativização, tendo como resultado final a sentença em (23b), que chamaremos de construção ergativa, por ser derivada de um verbo basicamente transitivo. O segundo passa pelo processo de causativização, e tem como resultado final a sentença em (24c), que chamaremos de construção causativa, por ser derivada de um verbo basicamente intransitivo. Examinemos alguns exemplos do que consideramos verbos basicamente causativo-transitivos que aceitam o processo de ergativização:

- (25) a. Eduardo entortou a maçaneta.
- b. A maçaneta entortou.
- (26) a. Maria abriu a porta.
- b. A porta abriu.
- (27) a. A tempestade afundou o barquinho.
- b. O barquinho afundou.
- (28) a. Joana encheu o tanque.
- b. O tanque encheu.
- (29) a. A costureira rasgou o vestido.
- b. O vestido rasgou.
- (30) a. O garçom entornou o vinho.
- b. O vinho entornou.

Para todos os verbos acima, das sentenças causativo-transitivas em (a), do tipo  $x V y$ , pode-se inferir a propriedade de desencadeador do processo. Do mesmo modo, também



no contexto sentencial  $y V$ , em (b), pode-se inferir um desencadeador do processo. Portanto, o desencadeador é um acarretamento lexical dos verbos *entortar*, *abrir*, *afundar*, *encher*, *rasgar* e *entornar*, pois, independentemente do contexto sentencial em que ocorram, pode-se inferir essa propriedade. Podemos perceber para os exemplos (b) acima, que se a maçaneta entortou, então, necessariamente, algo a fez entortar; se a porta abriu, então, necessariamente, algo a fez abrir; se o barquinho afundou, então, necessariamente, algo o fez afundar; e assim sucessivamente com os outros verbos. Portanto, concluímos que os verbos acima são verbos basicamente causativo-transitivos, que aceitam o processo de ergativização, tendo como resultado as construções ergativas em (b).

Vejamos também alguns exemplos de verbos basicamente intransitivos que aceitam o processo de causativização:

- (31) a. O nenê acordou.  
b. O barulho acordou o nenê.
- (32) a. A criança adormeceu.  
b. A música adormeceu a criança.
- (33) a. A aula começou.  
b. O professor começou a aula.
- (34) a. A missa acabou.  
b. O padre acabou a missa.
- (35) a. As flores desabrocharam.  
b. O sol desabrochou as flores.

Examinando-se os exemplos em (a) acima, tem-se a forma intransitiva  $x V$ , em que não se pode inferir, no conjunto  $P_n(x)$ , a propriedade de desencadeador do processo; embora, nas sentenças em (a), com a forma  $z V x$ , o desencadeador do processo possa ser inferido. A propriedade de ser o desencadeador do processo não é um acarretamento lexical dos verbos *acordar*, *adormecer*, *começar*, *acabar* e *desabrochar*. Esses verbos não acarretam necessariamente um desencadeador: se é verdade que o nenê acordou, não se pode inferir necessariamente que algo acordou o nenê; se é verdade que a criança adormeceu, não se pode inferir necessariamente que algo adormeceu a criança; se é verdade que a aula começou, não se pode inferir necessariamente que algo/alguém começou a aula; se é verdade que a missa acabou, não se pode inferir necessariamente

que algo/alguém acabou a missa; e se é verdade que as flores desabrocharam, não se pode inferir necessariamente que algo/alguém desabrochou as flores. Portanto, concluímos que os verbos acima são verbos basicamente intransitivos, que passam pelo processo de causativização, tendo como resultado as construções causativas em (b).

Ainda, temos, para os verbos inergativos, um processo de causativização diferente do visto até aqui. É um processo semelhante sintaticamente, porque também se trata de uma inserção de um argumento desencadeador à estrutura argumental do verbo, mas difere semanticamente porque origina construções que chamaremos de ‘duplas-causações’:

- (36) a. O garoto correu.  
b. A professora correu o garoto atrevido para fora da sala.
- (37) a. Os filhos estudam.<sup>14</sup>  
b. O pai estudou os filhos até a faculdade.
- (38) a. Os meninos almoçaram.  
b. Eu já almocei os meninos.

As sentenças em (b), da forma  $z V x$ , podem ser chamadas duplas-causações porque a propriedade de ser o desencadeador do processo é acarretada a seus dois argumentos,  $z$  e  $x$ . Em (36b), por exemplo, *a professora* possui, dentre as propriedades que compõem seu papel temático, as propriedades de ser o desencadeador e de ter controle, ou seja, D/C; enquanto *o garoto* possui, dentre as propriedades que compõem seu papel temático, as propriedades de ser o desencadeador do processo, de ser afetado nesse processo e de ter controle sobre o processo de *correr*, ou seja, D/C/A. O processo que origina uma dupla-causação pode ser considerado um tipo de causativização.

Entretanto, como nem todo verbo basicamente causativo-transitivo forma ergativa, ou seja, passa pelo processo de ergativização, também existem verbos basicamente intransitivos e verbos inergativos que não passam pelo processo de causativização. Assim como outros autores, também assumimos que existem restrições semântico-lexicais que licenciam esses processos. Vejamos, primeiramente, alguns

---

<sup>14</sup> Tomamos o verbo *estudar* na acepção de atividade. Sabemos ser possível uma outra construção, como *João estuda matemática*, que é um *accomplishment*. Entretanto, ela não invalida nosso exemplo. Sobre aspecto lexical ou *aktionsart*, consulte-se Vendler (1967), Verkuyl (1989) e ainda Wachowicz e Foltran (2005).

exemplos de verbos basicamente intransitivos que não aceitam a formação de construções causativas:

(39) a. O nenê nasceu ontem.

b. \* João nasceu o nenê.

(40) a. O copo caiu.

b. \* João caiu o copo.

Os verbos *nascer* e *cair* não permitem o processo de causativização, como mostram as sentenças agramaticais em (b). Também, as construções de dupla-causação não ocorrem para todos os verbos inergativos:

(41) \* João nadou o menino na piscina.

(42) \* Maria voou o passarinho pela sala.

Portanto, para esses processos de causativização, devem existir restrições semântico-lexicais específicas que governam sua aplicação. Porém, não nos estenderemos na análise da causativização, pois, nesta dissertação, nos ocuparemos do problema das restrições ao processo de ergativização.

Vejamos, agora, alguns exemplos de verbos basicamente causativo-transitivos que não aceitam a formação de construções ergativas:

(43) a. Joana empurrou o carrinho.

b. \* O carrinho empurrou.

(44) a. O jogador chutou a bola.

b. \* A bola chutou.

Os verbos *empurrar* e *chutar* não aceitam o processo de ergativização, provavelmente porque não atendem às restrições semântico-lexicais exigidas por esse processo. Essas restrições semântico-lexicais constituem o principal objeto de estudo desta dissertação, a serem detalhadas mais à frente.

Resumindo, assumimos, até aqui, uma proposta que relaciona a questão da transitividade dos verbos causativos às propriedades semânticas acarretadas

lexicalmente. Fazendo um paralelo entre essas propriedades e as formas de transitividade, vejamos um quadro geral dos tipos de verbos vistos até aqui.

Um verbo causativo basicamente transitivo, da forma  $x V y$ , acarreta a  $x$ , no conjunto  $P_n(x)$ , a propriedade de desencadeador do processo; e a  $y$ , no conjunto  $P_n(y)$ , a propriedade de afetado nesse processo, ou seja,  $y$  passa de um estado A para um estado B:

(45) *João quebrou o vaso.*

Um verbo causativo basicamente transitivo inergativo, para o qual pode ser recuperada a forma  $x V y$ , acarreta a  $x$ , no conjunto  $P_n(x)$ , a propriedade de ser o desencadeador do processo e também a propriedade de ser o afetado por esse processo; e acarreta a  $y$ , no conjunto  $P_n(y)$ , a propriedade de ser um objeto de referência, ou seja, estar em determinado estado:

(46) *João correu a corrida de São Silvestre.*

Finalmente, um verbo processual basicamente intransitivo (inacusativo), da forma  $x V$ , acarreta a  $x$ , no conjunto  $P_n(x)$ , apenas a propriedade de ser o afetado nesse processo:

(47) *João caiu.*

Podemos observar que, para verbos causativos e processuais, a propriedade de ser o afetado no processo sempre está presente, seja acarretada ao complemento da forma transitiva  $x V y$ ; ao sujeito da forma transitiva  $x V y$  de verbos inergativos, junto com a propriedade de desencadeador; ou sozinha ao sujeito da forma intransitiva  $x V$ . Vemos que se há o acarretamento da propriedade de ser o desencadeador do processo, há também, necessariamente, o acarretamento da propriedade de ser o afetado no processo, mas o inverso não é verdadeiro, ou seja, se há o acarretamento da propriedade de ser o afetado no processo, não há necessariamente, o acarretamento da propriedade de ser o desencadeador do processo.

### 4.3 Construções resultantes do alçamento do complemento

Vimos que o processo sintático mais geral de causativização pode ter como resultado construções causativas e construções de dupla-causação, estando cada tipo relacionado a suas próprias restrições.

Do mesmo modo, o processo de ergativização, apenas do ponto de vista sintático, consiste em um processo mais geral de alçamento do complemento,  $y$ , de verbos com a forma básica  $x V y$ . Esse processo sintático mais geral pode formar alguns tipos de construções, como veremos a seguir.

#### 4.3.1 As construções mediais

O processo sintático de alçamento do complemento da forma transitiva  $x V y$  à posição de sujeito pode ter como resultado uma construção ergativa, como mostra (48b), e uma construção chamada medial, mostrada em (48c):

- (48) a. João quebrou o vaso  
b. O vaso quebrou.  
c. Vasos quebram facilmente.

Embora alguns autores, como Perini (2005), tratem as construções ergativas e mediais como um mesmo fenômeno, pois o processo que forma as construções mediais é, sintaticamente, o mesmo processo que forma as construções ergativas, ou seja, o complemento é alçado para a posição de sujeito; acreditamos que se possam analisar esses tipos de alternâncias como dois processos semânticos distintos. Isso porque, apesar de essas alternâncias possuírem certas semelhanças, as diferenças entre essas construções são bem marcadas. Vamos, pois, delimitar essas diferenças e semelhanças.

As construções ergativas são resultantes de um processo sintático de alçamento no qual, semanticamente, há uma alteração do aspecto lexical, pois se toma uma sentença que denota um *accomplishment* (a causativa) para formar uma sentença que denota um *achievement* (a ergativa). É um caso de alternância de diátese: um predicador verbal alterna entre uma diátese transitiva e uma intransitiva, através do alçamento do argumento afetado para a posição de sujeito. Entretanto, a construção ergativa resultante desse processo de alçamento expressa o mesmo evento denotado pela sentença

causativa básica, mas sob a perspectiva do argumento afetado. Chamamos esse processo específico de alçamento do complemento que forma construções ergativas de ‘processo de ergativização’. Já as construções mediais também constituem uma alternância de diátese, pois também há o alçamento do argumento afetado para a posição de sujeito, assim como nas ergativas. Nesse processo, também ocorre a mudança do aspecto lexical, entretanto, é uma mudança na qual uma sentença que denota um *accomplishment* (a causativa) passa para uma sentença que denota um estado (a medial). Por fim, a construção medial resultante não é a expressão do mesmo evento da sentença causativa original, sob a perspectiva do argumento afetado. Nas construções consideradas mediais, geralmente, o tempo verbal é alterado para o presente, transformando a construção resultante em uma sentença genérica. E, como observação adicional, as construções mediais são mais bem aceitas quando acrescentamos um adjunto que expresse o modo.

Associando a análise acima aos exemplos em (48), temos em (b), uma alternância de diátese transitiva para intransitiva, cuja construção resultante é uma construção ergativa, que descreve o mesmo evento de (a), mas sob a perspectiva do objeto afetado por esse processo. A sentença em (48a) é um *accomplishment* que se transforma, pelo processo de alternância de diátese, em (48b), um *achievement*. Em (48c), também temos uma alternância de diátese transitiva para intransitiva, entretanto, a construção resultante é uma construção medial, que não mais descreve o mesmo evento de (a), mas é uma sentença que denota o estado genérico de *quebrar*; ou seja, a construção medial é uma construção diferente porque denota um estado e não um evento, não acarreta uma ação/processo, como uma causativa, nem uma mudança de estado, como uma ergativa, mas simplesmente um estado. Temos em (48a), um *accomplishment* que se transforma, pela alternância da diátese, em um estado, (48c). O advérbio *facilmente* aumenta a aceitabilidade da construção.

Em Chafe (1970), encontramos uma argumentação adicional para distinguir ergativas de mediais. Um teste bem simples citado pelo autor para distinguir estados de não estados é a pergunta ‘o que aconteceu?’. A ergativa, em (48b), responde a essa pergunta, sendo, portanto, um evento ou não-estado, ou acontecimento, nas palavras do autor. Já (48c) não serve de resposta a essa pergunta, demonstrando que mediais são, de fato, estados.

O processo sintático que forma construções mediais também deve possuir suas próprias restrições. Levin (1993), diferentemente de outros autores, também trata as

formas mediais como formas independentes. Ela mostra que os verbos que ocorrem na alternância causativo/ergativa normalmente participam também da construção medial, mas o contrário não é verdadeiro, o que corrobora nossa afirmação de que ergativas e mediais são construções distintas, resultantes de processos distintos, com suas próprias características e restrições:

- (49) a. João cortou o pão.  
b.\* O pão cortou.  
c. Esse pão corta muito fácil.

Não nos estenderemos mais sobre as construções mediais, pois, a partir da seção seguinte, trataremos apenas dos verbos basicamente transitivos em relação ao processo de ergativização.

#### **4.3.2 As construções ergativas**

O processo de alçamento do complemento à posição de sujeito também resulta, como já vimos, em construções ergativas. A esse processo particular, chamamos processo de ergativização. Entretanto, percebemos que a ergativização pode resultar em dois tipos diferentes de construções ergativas: a ergativa canônica, na qual todo o complemento do verbo  $x V y$  é alçado para a posição de sujeito e a ergativa, que denominaremos como deslocada, na qual o complemento é um DP complexo e apenas parte dele é alçada para a posição de sujeito. Vejamos com mais detalhes esses dois tipos de construções.

##### **4.3.2.1 As construções ergativas canônicas**

Chamamos de construções ergativas canônicas aquelas que são mais conhecidas na literatura. Retomemos um exemplo:

- (50) a. João quebrou o vaso.  
b. O vaso quebrou

Em (50b), temos uma construção ergativa canônica, resultante do processo de ergativização. Um verbo causativo da forma  $x V y$  passa pelo processo sintático de alçamento do complemento,  $y$ , à posição de sujeito, obedecendo às restrições semântico-lexicais necessárias.

Assim, vamos separar os ‘verbos inacusativos’ das ‘construções ergativas’. Os primeiros são verbos basicamente intransitivos, da forma  $x V$ , que acarretam a  $x$ , no conjunto  $P_n(x)$ , a propriedade de ser afetado no processo. As ergativas são ‘construções’, e não ‘formas básicas’, derivadas do processo de ergativização sofrido por um verbo causativo basicamente transitivo, conforme mostramos acima. Entretanto, tanto os verbos inacusativos quanto as construções ergativas veiculam a perspectiva ergativa, ou seja, uma mudança de estado em seu ponto final:

- (51) a. O vaso quebrou.  
b. O vaso apareceu.

Essa semelhança de perspectiva fez com que muitos autores tratassem os verbos acima indistintamente, mas, como já vimos, são objetos de estudo diferentes.

#### 4.3.2.2 As construções ergativas destrinchadas

Além da construção ergativa canônica, o processo de ergativização também forma um outro tipo de construção:

- (52) a. João quebrou o ponteiro do relógio.  
b. O relógio quebrou o ponteiro.

A construção em (452b) é formada a partir de um verbo da forma  $x V y$ , que passa pelo processo sintático de alçamento do complemento. No entanto, o complemento *o ponteiro do relógio*, um DP complexo, não é alçado como um todo, mas apenas em parte. Esse tipo de construção, em (52b), possui referências na literatura, como em Pontes (1986) e Kato (1989), por exemplo, mas ainda não foi tratada como um tipo de ergativa. A hipótese de que ela poderia ser um tipo de ergativa é observada em Cançado (2006). Vamos, então, verificar algumas características para mostrar porque ela pode ser tratada como um tipo de ergativa.



Primeiramente, como vimos com o exemplo acima, percebemos que se trata de um processo sintático de alçamento de parte do complemento de um verbo  $x V y$ , onde  $y$  é um DP complexo. Esse alçamento do complemento se assemelha, sintaticamente, ao processo de ergativização que origina construções ergativas canônicas, salvo a separação sofrida pelo complemento. Semanticamente, também, essas construções são semelhantes às ergativas canônicas. Elas denotam a mesma interpretação de mudança de estado, ou seja, descrevem uma perspectiva do ponto final do processo, assim como as ergativas. Em (52b) acima, a interpretação relevante é a de que ‘o relógio teve seu ponteiro quebrado’, ou seja, sofreu uma mudança de estado. Outro argumento em favor de se considerar essas construções um tipo de ergativa é o fato de que a ergativa canônica pode ser recuperada, como mostra (53b):

- (53) a. João quebrou o ponteiro do relógio.  
b. O ponteiro do relógio quebrou.  
c. O relógio quebrou o ponteiro.

Ainda, essas construções não ocorrem com verbos que não aceitam a construção ergativa canônica, indicando que as mesmas restrições que licenciam a formação de ergativas também podem licenciá-las:

- (54) a. João empurrou o pé da mesa.  
b. \* O pé da mesa empurrou.  
c. \* A mesa empurrou o pé.  
(55) a. O vento carregou a folha da árvore.  
b. \* A folha da árvore carregou.  
c. \* A árvore carregou a folha.

Essas características em comum mostram que construções como em (40b) acima também podem ser tratadas como ergativas. Entretanto, devido ao deslocamento de apenas parte DP no processo de alçamento, chamaremos essa construção de ergativa destrinchada.

Além das restrições semântico-lexicais das ergativas canônicas, acreditamos existir outra(s) restrição(ões), específica(s) à formação de ergativas destrinchadas. Por

exemplo, em Pontes (1986), uma condição mais específica para a formação da ergativa deslocada é a relação de parte/todo entre os sintagmas simples do DP complexo:

- (56) a. O esbarrão estragou a unha de Lúcia.
- b. A unha de Lúcia estragou.
- c. Lúcia estragou a unha.

Primeiramente, vejamos que o verbo *estragar*, da forma  $x V y$ , onde  $y$  é um DP complexo, sofre o processo de alçamento de parte de seu complemento, originando a ergativa deslocada em (56c). A ergativa canônica também pode ser formada, como mostra (56b). Mais especificamente, vejamos que o DP complexo apresenta uma relação de parte/todo entre seus sintagmas nominais simples: o todo, *Lúcia*, é alçado para a posição de sujeito e a parte, *a unha*, permanece na posição de complemento. Entretanto, outros exemplos parecem indicar que a restrição mais específica a ser atendida é uma relação de possuidor/possuído e não de parte/todo:

- (57) a. O acidente quebrou o carro do Rubinho.
- b. O carro do Rubinho quebrou.
- c. O Rubinho quebrou o carro.

O DP complexo *o carro do Rubinho* exprime uma relação de posse entre *Rubinho*, o possuidor, e *o carro*, o possuído. Acreditamos que a relação de possuidor/possuído deve ser a mais adequada para postular uma restrição mais específica para a formação de ergativas destrinchadas. Se a considerarmos a relação de posse de maneira mais geral, abrangendo posse alienável e inalienável, podemos entender o ponteiro, por exemplo, como posse inalienável do relógio. Vejamos outros exemplos, em que, temos, primeiramente, a sentença básica, e depois a construção ergativa canônica e a construção ergativa deslocada:

- (58) a. O acidente quebrou a perna de João.
- b. A perna de João quebrou.
- c. João quebrou a perna.

- (59) a. A explosão desviou o olhar da platéia.  
b. O olhar da platéia desviou.  
c. A platéia desviou o olhar.
- (60) a. A produtora lançou o filme do Almodóvar.  
b. O filme do Almodóvar lançou esse mês.  
c. Almodóvar lançou o filme esse mês.
- (61) a. A farpa de madeira desfiou a meia de Maria.  
b. A meia de Maria desfiou.  
c. A Maria desfiou a meia.
- (62) a. O escorregão descosturou a saia de Elisa.  
b. A saia de Elisa descosturou.  
c. A Elisa descosturou a saia.

Outro aspecto interessante sobre a ergativa destrinchada é a ambigüidade de interpretação para o sujeito animado. Em (c), os sujeitos animados *João, a platéia, Almodóvar, a Maria e a Elisa* podem ser interpretados como desencadeadores do processo ou como afetados pelo processo, sendo essa última a interpretação relevante para a ergativa deslocada. As sentenças acima mostram, portanto, uma alternância de papéis temáticos, o que não pode ser verificado no exemplo (c) abaixo, em que o sujeito não é animado:

- (63) a. Lúcia estragou o bordado do vestido.  
b. O bordado do vestido estragou.  
c. O vestido estragou o bordado.

Entretanto, essa é apenas uma análise preliminar, que conta com poucos dados. Uma investigação mais minuciosa poderia revelar outros aspectos e outras restrições das construções ergativas destrinchadas. Deixaremos esse tema à parte para tratar, na seção seguinte, das restrições semântico-lexicais que licenciam a formação de construções ergativas canônicas.

#### 4.4 As restrições semânticas para a formação de construções ergativas canônicas

##### 4.4.1 Reformulação da proposta de Whitaker-Franchi (1989)

Ao postularmos os processos de causativização e ergativização, delimitamos nosso objeto de estudo aos verbos basicamente transitivos, ou seja, aos verbos que apresentam a forma básica  $x V y$ , que podem passar pelo processo de ergativização e originar construções ergativas da forma  $y V$ :

- (64) a. Maria quebrou o copo.  
b. O copo quebrou.

Entretanto, vimos que nem todos os verbos basicamente transitivos aceitam o processo de ergativização, pois existem restrições a esse processo que devem ser atendidas pelos verbos:

- (65) a. Maria cortou a carne.  
b. \* A carne cortou.

Assim como outros autores (Levin, 1989; Whitaker-Franchi, 1989; Levin, 1993; Levin & Rappaport-Hovav, 1995), vamos assumir a hipótese mais geral de que existem componentes de significado importantes para o processo de ergativização, ou seja, que existem condições, de natureza semântico-lexical, que licenciam a construção ergativa para *quebrar* e restringem para *cortar*. Partiremos da análise de Whitaker-Franchi (1989), que além de ser uma proposta que parte da mesma hipótese adotada nesta dissertação, apresenta algumas restrições especificamente ao processo de ergativização; por isso, reformularemos sua proposta dentro do que já foi exposto acima.

Uma primeira restrição, sintática, para um verbo poder passar pelo processo de ergativização, é que esse verbo deve ser da forma  $x V y$ , sendo  $y$  necessariamente um DP:

- (66) a. Lucas abriu *a porta*.  
b. A porta abriu.

Se  $y$  não for um DP, mas um PP, por exemplo, o processo de ergativização não é aceito:

(67) a. Lucas entrou *na sala*.

b. \* A sala entrou.

Em segundo lugar, o verbo da forma transitiva básica  $x$  V  $y$  deve ser um verbo causativo, ou seja, deve ser acarretada a  $x$ , no conjunto  $P_n(x)$ , a propriedade de ser o desencadeador do processo; e, deve ser acarretada a  $y$ , no conjunto  $P_n(y)$ , a propriedade de ser o afetado por esse processo:

(68) a. *Maria* quebrou *o copo*.

b. O copo quebrou.

Se, do contrário, como nos exemplos abaixo, o verbo não acarretar a  $x$  a propriedade de ser o desencadeador, o processo de ergativização não pode ocorrer, mesmo que a  $y$  seja acarretada a propriedade de ser o afetado:

(69) a. *João* recebeu uma carta.

b. \* Uma carta (se) recebeu .

(70) a. *Lúcia* ganhou uma bola.

b. \* Uma bola ganhou.

Do mesmo modo, se o verbo não acarretar a  $y$  a propriedade de ser o afetado no processo, mesmo que a  $x$  seja acarretada a propriedade de desencadeador do processo, a ergativização também não será aceita. Isso é o que ocorre, por exemplo, com verbos inergativos, que, em nossa proposta, são tratados como verbos basicamente transitivos implícitos (devido à possibilidade de recuperar o complemento com um objeto cognato). Esses verbos não aceitam o processo de ergativização, pois não acarretam a  $y$  a propriedade de ser o afetado:

(71) a. João leu um livro.

b. \* Um livro leu.

(72) a. A flecha circulou o alvo.

b. \* O alvo circulou.

(73) a. João subiu a montanha.

b. \* A montanha subiu.

(74) a. Maria dançou salsa.

b. \* Salsa dançou.

Assim, também os verbos estativos, como *ter*, *amar*, etc. também não aceitam o processo de ergativização:

(75) a. João tem uma casa.

b. \* Uma casa tem.

(76) a. João ama Maria.

b. \* Maria ama.

A terceira restrição prediz que verbos causativos, da forma  $x V y$ , não podem acarretar a  $x$ , no conjunto  $P_n(x)$ , a propriedade de ter controle sobre o processo, ou, nas palavras de Whitaker-Franchi, não podem ser verbos “estritamente agentivos”. Retomando um exemplo, em (65a), *quebrar* não acarreta a  $x$  a propriedade de ter controle sobre o processo:

(77) a. João quebrou o vaso.

b. O vaso quebrou.

Obviamente, o verbo *quebrar* pode ser compatível com a propriedade de ter controle. Em (78a), o controle é acarretado a *João* composicionalmente na sentença:

(78) a. João quebrou o vaso intencionalmente.

b. \* O vaso quebrou intencionalmente.

Entretanto, a propriedade de ter controle não é um acarretamento lexical do verbo *quebrar*, ou seja, não pode ser inferida necessariamente: se é verdade que *João quebrou o vaso*, não é verdade necessariamente que ele teve controle sobre o desencadeamento da ação de quebrar:

(79) João quebrou o vaso com o empurrão que levou do irmão.

Assim, verbos causativos que acarretam a  $x$  a propriedade de ter controle sobre o processo não aceitam a ergativização:

- (80) a. *João* escreveu uma carta.  
b. \* Uma carta escreveu.
- (81) a. *João* ajudou a igreja.  
b. \* A igreja ajudou.
- (82) a. *A polícia* capturou os bandidos.  
b. \* Os bandidos capturaram.
- (83) a. *Os homens* empurraram o carrinho.  
b. \* O carrinho empurrou.
- (84) a. *Ele* dirigiu o carro.  
b. \* O carro dirigiu.

Essas são as reformulações das restrições propostas por Whitaker-Franchi para a formação de construções ergativas. Vamos, então, retomá-las de modo sistemático. Para passar pelo processo de ergativização, um verbo: deve ser da forma  $x V y$ , sendo  $y$  um DP; deve ser um verbo causativo, ou seja, acarretar a  $x$ , no conjunto  $P_n(x)$ , a propriedade de ser o desencadeador do processo e a  $y$ , no conjunto  $P_n(y)$ , a propriedade de ser o afetado no processo; não pode acarretar a  $x$ , no conjunto  $P_n(x)$ , a propriedade de ter controle sobre o processo. Em outras palavras, para passar pelo processo de ergativização, um verbo deve possuir a rede temática  $\{D; A\}$  ou  $\{D(C); A\}$ , na qual a propriedade de ter o controle é compatível, mas não necessária. Um verbo com a rede temática  $\{D/C; A\}$  não aceita o processo de ergativização, pois o sinal da barra (/) indica que a propriedade de controle é acarretada necessariamente a  $x$  juntamente com a propriedade de ser o desencadeador.

Entretanto, existem ainda verbos que atendem a todas as restrições acima, mas não passam pelo processo de ergativização. Um exemplo é o verbo *carregar*, que apresenta a rede temática  $\{D(C); A\}$ , mas não aceita o processo de ergativização:

- (85) a. João carregou a mala.  
b. \* A mala carregou.

A propriedade de ter controle sobre um processo não é um acarretamento lexical do verbo *carregar*, isto é, embora seja um verbo compatível com controle, não podemos inferir controle a *x* necessariamente. Veja que podemos ter uma causa natural na posição de sujeito:

- (86) a. O vento carregou as folhas.
- b. \* As folhas carregaram.

Outros exemplos de verbos que também atendem às restrições acima, mas não podem sofrer o processo de ergativização são:

- (87) a. A simpatia de João conquistou Maria.
- b. \* Maria (se) conquistou.
- (88) a. As atitudes do filho honraram a mãe.
- b. \* A mãe (se) honrou.
- (89) a. A chegada do rei humilhou a nobreza.
- b. \* A nobreza (se) humilhou.
- (90) a. As atitudes de João provocaram Maria.
- b. \* Maria (se) provocou.

Portanto, essas primeiras restrições, reformuladas a partir da análise de Whitaker-Franchi (1989), são ainda insuficientes para explicar o processo de ergativização. Vamos, então, investigar, na próxima seção, outras restrições para esse processo.

#### **4.4.2 Outras restrições para o processo de ergativização**

Primeiramente, é importante notar que existem casos em que o processo de ergativização não é possível devido a condições de organização do próprio léxico. Alguns verbos não formam construções ergativas porque já existe uma outra forma lexicalizada para veicular a perspectiva ergativa. Segundo Aronoff (1976), trata-se de uma regra chamada de ‘bloqueio lexical’. O verbo *derrubar*, por exemplo, não sofre o processo de ergativização porque nosso léxico dispõe do verbo *cair* para veicular a perspectiva ergativa da mesma eventualidade. O mesmo ocorre também com os verbos



*matar* e *morrer*: O primeiro é uma forma especializada para veicular a perspectiva causativa do evento de matar/morrer; enquanto o segundo foi especializado para veicular a perspectiva ergativa.

Vamos retomar dois exemplos para continuar nossa análise. Comparando-se os verbos *carregar* e *quebrar*, percebemos que eles compartilham as mesmas informações semântico-lexicais: são verbos da forma  $x V y$  que acarretam a  $y$  a propriedade de ser afetado pelo processo e a  $x$  a propriedade de ser o desencadeador do processo; e, embora a propriedade de ter controle sobre o processo seja compatível, ela não é um acarretamento lexical dos verbos *carregar* e *quebrar*. Assim, esses verbos possuem a mesma rede temática, ou seja,  $\{D(C); A\}$ . Entretanto, o verbo *quebrar* aceita o processo de ergativização, mas o verbo *carregar* não:

(91) a. João/o vento carregou as folhas.

b. \* As folhas carregaram.

(92) a. João/ o vento quebrou o vaso.

b. O vaso quebrou.

Observando mais atentamente as sentenças em (a), percebemos que a composição do VP *carregar as folhas* com o sujeito  $x$ , onde  $x$  é animado, acarreta a  $x$ , no conjunto  $P_n(x)$ , a propriedade de ter controle no processo necessariamente. Por outro lado, a composição do VP *quebrar o vaso* com o sujeito  $x$ , onde  $x$  é animado, não acarreta a  $x$ , no conjunto  $P_n(x)$ , a propriedade de ter controle sobre o processo. Veja que, numa sentença com o verbo *carregar*, onde  $x$  é animado, não é possível colocarmos um adjunto que expresse falta de controle para  $x$ :

(93) \* João carregou a mala com o empurrão que levou.

(94) João quebrou o vaso com o empurrão que levou.

Assim, numa análise mais fina das propriedades semântico-lexicais, há uma outra diferença entre os verbos que aceitam o processo de ergativização e aqueles que não aceitam. Para os verbos que não aceitam o processo de ergativização, apesar de atenderem às restrições mais gerais vistas na seção anterior, ocorre o acarretamento da propriedade de controle a seu sujeito, quando ele é animado. Seria de se esperar, então, que para um sujeito inanimado, o controle não seria acarretado e a construção ergativa

poderia ser aceita. Entretanto, ainda assim, mesmo para um sujeito inanimado, a ergativização não é aceita pelo verbo *carregar*, e, portanto, percebemos que deve haver uma restrição mais geral para o processo de ergativização:

(95) a. O vento carregou as folhas.

b. \* As folhas carregaram.

Devido ao fato de essa relação de animacidade com a propriedade de ter controle não se apresentar como uma condição independente, concluímos que deve existir outra restrição, mais geral, para o processo de ergativização, que tentaremos formalizar na próxima seção como sendo uma diferença mais fina entre um ‘desencadeador indireto’ e um ‘desencadeador direto’. Passemos, então, à análise dessas propriedades.

#### 4.4.2.1 O desencadeador direto e indireto

Estabelecemos que um verbo causativo, da forma  $x V y$ , acarreta a  $x$ , no conjunto  $P_n(x)$ , a propriedade de ser o desencadeador do processo. Entretanto, segundo Cançado (2000), parece haver uma especificação da causa para os verbos causativos, que a autora postula como verbos que têm causa direta e/ou causa indireta. Baseadas nessa especificação, observamos que os verbos causativos podem ter um ‘desencadeador direto’ e/ou um ‘desencadeador indireto’, ou seja, existem verbos causativos que acarretam a seu argumento  $x$  não apenas a propriedade  $P_1(x)$  = ter um papel no desenrolar do processo, mas também podem acarretar as propriedades de  $P_2(x)$  = não apresentar nenhum tipo de mediação no desenrolar desse processo e de  $P_3(x)$  = apresentar algum tipo de mediação no desenrolar desse processo. Chamaremos, descritivamente, o papel temático do sujeito dos verbos causativos que acarretam a  $x$  as propriedades  $P_1(x)$  e  $P_2(x)$  de ‘desencadeador direto’<sup>15</sup>. Já o papel temático dos verbos causativos que acarretam a  $x$  as propriedades  $P_1(x)$  e  $P_3(x)$ , será chamado, descritivamente, de ‘desencadeador indireto’. Portanto, os termos ‘desencadeador indireto’ e ‘desencadeador direto’ nomeiam, cada um, um grupo de duas propriedades.

---

<sup>15</sup> Adotar a nomenclatura ‘desencadeador direto’ e ‘desencadeador indireto’ para papéis temáticos não tem nenhuma consequência teórica para nossa proposta. Será apenas uma forma descritiva de falar sobre o grupo de propriedades desses papéis para tornar a leitura da dissertação mais ágil, ou seja, o papel temático continua a ser o grupo de propriedades acarretadas a um dado argumento a partir de seu predicador.

Podemos dizer que o desencadeador direto é o responsável imediato pelo desencadeamento do processo e que o desencadeador indireto é aquele que tem um papel no desenrolar do processo de forma mediada:

(96) João quebrou o vaso com um martelo.

(97) João quebrou o vaso com o empurrão que levou.

Na sentença (96), percebemos que ao argumento *João* são acarretadas as propriedades do papel temático ser o desencadeador direto do processo de *quebrar*. Entretanto, em (97), percebemos que o argumento *João* desempenha um papel diferente, ele não desencadeia o processo de *quebrar* de forma direta, mas mediado por um evento anterior ao evento do qual participa. Sendo assim, dizemos que ao argumento *João*, em (97), são acarretadas as propriedades do papel temático ‘desencadeador indireto’ do processo de *quebrar*. Podemos dizer que a sentença em (85) corresponde semanticamente a:

(98) O empurrão que João levou quebrou o vaso.

Entretanto, nem todos os verbos causativos aceitam um ‘desencadeador indireto’. Observamos que os verbos causativos que não permitem uma construção com um ‘desencadeador indireto’ também não aceitam o processo de ergativização:

(99) \* João carregou a mala com o impulso que levou.

Assim, traçamos uma nova restrição para o processo de ergativização. Os verbos causativos que aceitam o processo de ergativização são compatíveis com as propriedades de um ‘desencadeador indireto’, ou seja, são compatíveis com as propriedades de ser um desencadeador e de ser mediado no desencadeamento desse processo. Para esses verbos causativos, propomos a rede temática {D (indireto); A}:

(100) a. O empurrão que João levou entornou vinho na mesa.

b. O vinho entornou.

(101) a. A queda de energia desligou todos os aparelhos.

b. Os aparelhos desligaram-se.

- (102) a. O pontapé que João deu na parede abriu a porta.  
 b. A porta abriu.
- (103) a. A chegada da frente fria espalhou a massa de ar seco.  
 b. A massa de ar seco espalhou-se.

É importante notar que os verbos causativos que são compatíveis com as propriedades de um ‘desencadeador indireto’, ou seja,  $P_1(x)$  e  $P_3(x)$ , também podem ser compatíveis com as propriedades de um ‘desencadeador direto’, ou seja,  $P_1(x)$  e  $P_2(x)$ , como vimos com os exemplos em (96) e (97), sendo as propriedades de ‘desencadeador indireto’ as propriedades relevantes para o processo de ergativização. Portanto, vamos reformular a rede temática dos verbos causativos que aceitam o processo de ergativização para  $\{D/(C)/(indireto); A\}$ , em que o controle é uma propriedade compatível com um ‘desencadeador direto’, mas não com um ‘desencadeador indireto’:

- (104) a. O empurrão que João levou entornou vinho na mesa.  
 b. O João entornou o vinho de propósito.  
 c. O vinho entornou.
- (105) a. A queda de energia desligou todos os aparelhos.  
 b. João desligou os aparelhos com uma ferramenta.  
 c. Os aparelhos desligaram-se.
- (106) a. O pontapé que João deu na parede abriu a porta.  
 b. João abriu a porta repentinamente.  
 c. A porta abriu.
- (107) a. A chegada da frente fria espalhou a massa de ar seco.  
 b. A tempestade espalhou a massa de ar seco.  
 c. A massa de ar seco espalhou-se.

Entretanto, existem verbos causativos que não são compatíveis com as propriedades de um ‘desencadeador indireto’, ou seja, são verbos causativos que chamaremos de ‘estritamente diretos’, pois só permitem um ‘desencadeador direto’ em sua estrutura argumental. Para esses verbos, que não aceitam o processo de ergativização, propomos a rede temática  $\{D/(C)/direto, A\}$ :

- (108) a. \* O empurrão que João levou carregou a mala.  
b. \* A mala carregou.
- (109) a. \* A chegada do caminhão levou a mudança.  
b. \* A mudança levou.
- (110) a. \* O empurrão que João levou alcançou o irmão.  
b. \* O irmão alcançou.
- (111) a. \* O impulso dado na seta circulou o alvo.  
b. \* O alvo circulou.

Portanto, além de atenderem às outras restrições reformuladas mais acima a partir da proposta de Whitaker-Franchi (1989), os verbos causativos, para passarem pelo processo de ergativização, têm ainda de ser compatíveis com as propriedades de um ‘desencadeador indireto’, ou seja, têm que ter a seguinte rede temática: {D/(C)/(indireto); A}. Desse modo, estamos assumindo que seres animados, instrumentos e forças naturais são desencadeadores diretos:

- (112) a. João/ a bola / o vento quebrou o vaso.  
b. O vaso quebrou.

Já eventos e qualidades são desencadeadores indiretos:

- (113) a. O empurrão que João levou quebrou o vaso.  
b. O vaso quebrou.
- (114) a. A ironia de Maria irrita a amiga.  
b. A amiga (se) irrita.

Observamos, ainda, que o sentido, ou acepção do verbo interfere na aceitação de construções ergativas. Alguns verbos podem possuir dois sentidos diferentes, cada um com um comportamento frente ao processo de ergativização. O verbo *carregar*, por exemplo, possui o sentido físico de ‘levar algo de um lugar para outro’, que não aceita o processo de ergativização e não é compatível com as propriedades de desencadeador indireto, como vimos acima. Entretanto, no sentido de ‘dar carga’, o verbo *carregar* aceita o processo de ergativização e, também, é compatível com as propriedades de ‘desencadeador indireto’:

- (115) a. João carregou os aparelhos eletrônicos.  
b. A chegada de energia carregou os aparelhos eletrônicos.  
c. Os aparelhos eletrônicos carregaram.

Para finalizarmos nossa análise sobre as restrições à formação de construções ergativas, é necessário, ainda, analisarmos o comportamento dos verbos psicológicos em relação ao processo de ergativização. No decorrer da pesquisa, percebemos que essa classe específica de verbos apresenta um comportamento atípico em relação a esse processo.

#### **4.4.2.2 A formação de construções ergativas com verbos psicológicos**

Os verbos psicológicos, como mostram os trabalhos na literatura, possuem um comportamento diferente dos outros verbos em relação a vários fenômenos lingüísticos, como a ligação de anáforas e a projeção de papéis temáticos. Em Cançado (1995), por exemplo, encontramos um estudo abrangente sobre o comportamento atípico desses verbos no PB, em relação a várias propriedades sintáticas e semânticas. Na literatura, esses verbos são divididos em duas classes. Primeiramente, temos os verbos estativos, que apresentam um experienciador estativo na posição de sujeito e um objeto de referência (ou tema, segundo alguns autores) na posição de objeto:

- (116) a. João ama Maria.  
b. \*Maria ama.

Obviamente, essa classe de verbos não aceita o processo de ergativização, porque não atende à restrição de ser um verbo causativo, ou seja, ter a rede temática {D, A}. A segunda classe é chamada por alguns autores como verbos psicológicos causativos, pois apresentam uma causa na posição de sujeito e um experienciador na posição de objeto, ou, em nossa proposta, são verbos que têm a propriedade de desencadeador para  $x$  e a propriedade de afetado para  $y$ :

- (117) a. A arrogância de Maria preocupa a mãe.  
b. A mãe se preocupa com a arrogância de Maria.

- (118) a. João assusta Maria.  
b. Maria se assusta com João

Entretanto, observamos que, também em relação ao processo de ergativização, os verbos psicológicos causativos apresentam um comportamento diferente, o que nos levou a tratá-los separadamente dos outros verbos causativos. Primeiramente, é importante realçar que todos os verbos psicológicos causativos analisados atendem às primeiras restrições para o processo de ergativização, reformuladas acima a partir da análise de Whitaker-Frachi, ou seja, possuem a seguinte rede temática:  $\{D(C); A\}$ . Em segundo lugar, observamos que todos os verbos psicológicos causativos analisados também permitem as propriedades de um ‘desencadeador indireto’ para o argumento na posição sujeito; ou seja, os verbos psicológicos causativos são compatíveis ou acarretam lexicalmente a  $x$  a propriedade de ser um desencadeador e a propriedade de ser mediado nesse processo, podendo ter a rede temática:  $\{D/(C)/(indireto); A\}$ . Observe que  $x$  pode ser um evento ou mesmo uma pessoa, quando interpretada como um evento ou uma qualidade:

- (119) a. João preocupa Maria com sua imprudência.  
b. A imprudência de João no trânsito preocupa Maria.  
c. Maria (se) preocupa.
- (120) a. João acalmou Maria (com suas palavras).  
b. As palavras de João acalmaram Maria.  
c. Maria se acalmou (com as palavras de João).

Em (119a), podemos inferir apenas que ‘o fato de João ser imprudente preocupa Maria’. Sendo assim, o argumento *João* possui as propriedades de um ‘desencadeador indireto’, assim como o sujeito da sentença em (b). Percebemos que não é o próprio *João* que preocupa *Maria*, mas sim algo que ele fez ou tem. Em (120a) acima, sem a estrutura de adjunção entre parênteses, podemos inferir apenas que *João* é o desencadeador do processo. Considerando-se a adjunção, podemos inferir da sentença em (120a) tanto que ‘João acalmou Maria usando suas palavras’, quanto que ‘o fato de João ter usado suas

palavras acalmou Maria'<sup>16</sup>. Pelas restrições propostas, temos que os verbos acima aceitam o processo de ergativização.

Entretanto, na análise de outros exemplos, percebemos que as restrições postuladas até aqui ainda não conseguem explicar o comportamento de todos os verbos psicológicos causativos. Um exemplo é o verbo *conquistar*, que apresenta a rede temática {D/(C)/(indireto), A}, mas, ainda assim, não aceita o processo de ergativização:

- (121) a. João conquistou Maria.  
b. A simpatia de João conquistou Maria.  
c. \* Maria se conquistou (com a simpatia de João).

Percebemos, então, que os verbos psicológicos causativos apresentam uma restrição própria, relativa ao argumento que recebe a propriedade de ser o afetado no processo. Analisemos os exemplos:

- (122) a. A chegada de João acalmou Maria.  
b. Maria (se) acalmou com a chegada de João.  
(123) a. A simpatia de João conquistou Maria.  
b. \*Maria (se) conquistou com a simpatia de João.

Na sentença em (122a), podemos inferir, para *y*, no conjunto  $P_n(y)$ , a propriedade de ser o afetado no processo, ou seja, mudar de um estado A para um estado B, e a propriedade de ter controle sobre essa mudança de estado. Assim *y*, *Maria*, é afetado no processo de *acalmar* e pode interromper essa mudança de estado. Em (122b), também podemos inferir para *y*, no conjunto  $P_n(y)$ , a propriedade de ser afetado no processo e de ter controle sobre esse processo, ou seja, *Maria* sofre uma mudança de estado e tem controle sobre essa mudança de estado. Portanto, podemos concluir que o verbo *acalmar* é compatível com a propriedade de ter controle sobre o processo para *y*. Diferentemente, na sentença em (123a), podemos inferir para *y*, no conjunto  $P_n(y)$ , apenas a propriedade de ser afetado no processo descrito, mas não podemos inferir para

---

<sup>16</sup> Em realidade, a classe de *preocupar* parece ser a única classe de verbos estritamente causativos indiretos, ou seja, esses verbos acarretam lexicalmente um desencadeador indireto e não são compatíveis com o desencadeador direto. Já a classe de *acalmar* é compatível com os desencadeadores direto e indireto, ou seja, pode ter os dois papéis na posição de sujeito.



$y$ , no conjunto  $P_n(y)$ , a propriedade de ter controle sobre essa mudança de estado. Da mesma forma, em (123b), também só podemos inferir para  $y$ , no conjunto  $P_n(y)$ , a propriedade de ser afetado no processo de *conquistar*, mas podemos inferir a propriedade de ter controle sobre esse processo. Portanto, o verbo *conquistar* não é compatível com a propriedade de ter controle sobre o processo para  $y$ . Veja que podemos ter uma sentença como:

(124) a. João conquistou um alto posto na empresa.

Ainda assim, é importante observarmos que podemos ter também sentenças com esses verbos em que a propriedade de ter controle é associada ao argumento  $x$ :

(125) a. João acalmou Maria com um sossega leão.

b. Maria (se) acalmou com um sossega leão.

(126) a. João conquistou Maria premeditadamente.

b. \* Maria (se) conquistou.

Na sentença em (125), o controle sobre *acalmar* está em João, devido à composição do verbo *acalmar* com a expressão predicadora *com um sossega leão*. Portanto, podemos concluir que o verbo *acalmar* é compatível com controle tanto para  $x$  quanto para  $y$ ; dependendo do evento descrito e da composição dos itens lexicais na sentença. A construção ergativa é aceita, como mostra (125b). Por outro lado, em (126), podemos inferir, para  $y$ , apenas a propriedade de ser o afetado no processo, a propriedade de ter controle pode ser inferida somente para  $x$ , é difícil imaginar que o controle sobre *conquistar* possa ser acarretado a *Maria*; antes, o controle sobre *conquistar* é acarretado a *João*. O importante, então, para nossa análise dos verbos psicológicos causativos é o fato de que verbos como *acalmar*, que permitem o processo de ergativização, podem acarretar controle a  $y$ ; enquanto que verbos como *conquistar*, que não aceitam o processo de ergativização, não podem associar a propriedade de controle a  $y$ .

Portanto, a partir da análise acima, podemos dizer que existe ainda mais uma restrição para a formação de construções ergativas para os verbos psicológicos causativos. Um verbo psicológico causativo, da forma  $x V y$ , para passar pelo processo de ergativização deve: acarretar a  $y$  a propriedade de ser o afetado e  $y$  deve ser

compatível com a propriedade de ter controle sobre a mudança de estado. Temos, então, que um verbo psicológico causativo, para passar pelo processo de ergativização, deve apresentar a seguinte rede temática:  $\{D/(C)/(indireto), A/(C)\}$ .

Com essas observações, concluímos nossa proposta sobre as restrições semânticas a serem atendidas por um verbo para passar pelo processo de ergativização. Vamos, então, retomar resumidamente essas restrições ao processo de ergativização na seção seguinte.

#### **4.4.3 Síntese das restrições à formação das construções ergativas**

A partir de nossa análise, vimos que, para passar pelo processo de ergativização, um verbo causativo da forma  $x V y$ , onde  $y$  é um DP, deve:

- acarretar a  $x$ , no conjunto  $P_n(x)$ , a propriedade de ser um desencadeador do processo que seja compatível com a propriedade de ser mediado no desenrolar desse processo; e acarretar a  $y$ , no conjunto  $P_n(y)$ , a propriedade de ser o afetado no processo. Enfim, deve ser um verbo causativo que possua a rede temática  $\{D/(indireto), A\}$ .

Já um verbo causativo psicológico, da forma  $x V y$ , onde  $y$  é um DP, deve atender a seguinte restrição para passar pelo processo de ergativização:

- acarretar a  $y$ , no conjunto  $P_n(y)$ , a propriedade de ser o afetado no processo que seja compatível com a propriedade de ter controle sobre esse processo, ou seja, deve possuir a rede temática  $\{D/indireto; A/(C)\}$ .

No apêndice desta dissertação, encontram-se todos os verbos analisados e as sentenças construídas, para que possam ser consultados.

## CAPÍTULO 5

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para concluir esta dissertação, vamos retomar os objetivos propostos e os resultados obtidos, apresentando nossa proposta resumidamente e apontando algumas questões para pesquisa futura que surgiram com a pesquisa. Primeiramente, nos ocupamos do problema da transitividade básica dos verbos causativos no PB. Deparamo-nos com a questão de como determinar a forma básica de transitividade de um verbo; pois, dado um verbo que apresenta uma forma transitiva e outra intransitiva, qual forma estaria marcada no léxico?

Assim, estabelecemos que a propriedade de ser o desencadeador do processo é uma propriedade relevante para a noção sintática de transitividade. Um verbo causativo basicamente transitivo é aquele que acarreta a  $x$ , no conjunto  $P_n(x)$ , independentemente do contexto em que apareça, a propriedade de ser o desencadeador do processo. Em outras palavras, um verbo causativo basicamente transitivo possui o acarretamento lexical de desencadeador. Fixamos como forma transitiva básica a forma  $x V y$ . Por outro lado, um verbo causativo que não possui o acarretamento lexical de desencadeador é um verbo basicamente intransitivo, e apresenta a forma  $x V$ . Dessa análise, percebemos que, em nossa proposta, os únicos verbos intransitivos são os verbos tradicionalmente tratados como inacusativos, pois não possuem o acarretamento lexical de desencadeador. Por outro lado, os verbos inergativos são verbos basicamente transitivos semanticamente, dado o acarretamento lexical de desencadeador e, também sintaticamente, de forma implícita, devido à possibilidade de se recuperar um objeto cognato.

Estabelecido o modo de verificar quais verbos são transitivos e quais são intransitivos, propusemos, então, dois processos sintáticos, que originam alternâncias verbais: a causativização e a ergativização. Assumimos que as sentenças resultantes desses processos são chamadas de ‘construções’, pois são derivadas de propriedades semântico-lexicais dos verbos que passam por esses processos sintáticos.

A causativização é um processo sintático, que ocorre com verbos basicamente intransitivos da forma  $x V$ , no qual um argumento desencadeador é inserido à estrutura

argumental do verbo. Sintaticamente, podemos dizer que esse processo resulta em construções causativas, da forma  $z V x$ , para verbos inacusativos e em construções de dupla causação, também da forma  $z V x$ , para verbos inergativos. Entretanto, semanticamente, os processos que originam cada um desses tipos de construções são diferentes, com restrições específicas, que não foram investigadas nesta dissertação. A ergativização é um processo sintático, que ocorre com verbos basicamente transitivos da forma  $x V y$ , no qual o complemento  $y$  é alçado para a posição de sujeito, dando origem a uma construção ergativa da forma  $y V$ . Outras construções também são resultantes desse mesmo processo sintático de alçamento do complemento, como as mediais e as ergativas destrinchadas. Porém, semanticamente, são processos diferentes, cujas restrições e propriedades não puderam ser investigadas. Estabelecemos, então, que a ergativização é o processo sintático e semântico que origina construções ergativas. Desse modo, descrevemos os processos que originam as alternâncias sintáticas.

Para investigarmos de que maneira as propriedades semântico-lexicais estão correlacionadas à estrutura sintática, focalizamos o processo de ergativização, que origina as construções ergativas. Dentre as construções ergativas, percebeu-se que elas são de dois tipos: a ergativa canônica e a ergativa destrinchada. A ergativa canônica é aquela em que todo o complemento é alçado para a posição de sujeito. Já a construção resultante de uma sentença causativa da forma  $x V y$ , onde  $y$  é um DP complexo, que sofre o processo de alçamento de apenas parte deste DP, é a ergativa destrinchada. Passamos, então, à investigação das restrições semânticas para a formação de construções ergativas canônicas, limitando-nos aos verbos causativos basicamente transitivos em relação ao processo de ergativização.

Numa reformulação da proposta de Whitaker-Franchi (1989), destacamos as primeiras restrições para o processo de ergativização. Para passar pelo processo de ergativização, um verbo:

- deve ser da forma  $x V y$ , sendo  $y$  um DP;
- deve ser um verbo causativo, ou seja, acarretar a  $x$ , no conjunto  $P_n(x)$ , a propriedade de ser o desencadeador do processo e a  $y$ , no conjunto  $P_n(y)$ , a propriedade de ser o afetado no processo;
- não pode acarretar a  $x$ , no conjunto  $P_n(x)$ , a propriedade de ter controle sobre o processo.

Associando essas restrições às propriedades que compõem os papéis temáticos, temos que, um verbo, para passar pelo processo de ergativização, pode ter a rede temática  $\{D(C), A\}$ , mas não a rede temática  $\{D/C, A\}$ . Entretanto, percebemos que essas restrições não são suficientes para explicar o processo de ergativização, pois ainda existem verbos que atendem a essas restrições, mas não sofrem o processo de ergativização, ou, que não atendem a alguma delas, mas ainda sim formam construções ergativas. Assim, observando os dados e as propriedades semânticas que compõem os papéis temáticos dos argumentos dos verbos analisados, postulamos outras restrições para o processo de ergativização, baseadas na divisão entre ‘desencadeador direto’ e ‘desencadeador indireto’. O ‘desencadeador direto’ é aquele que desencadeia o processo sem que haja mediação entre ele, o causador, e o causado. O ‘desencadeador indireto’ é aquele que desencadeia o processo através de uma mediação entre ele, o causador, e o causado. Observamos que seres animados, instrumentos e forças naturais são ‘desencadeadores diretos’, enquanto que eventos e qualidades são ‘desencadeadores indiretos’. Então, reformulando as restrições acima, para passar pelo processo de ergativização, um verbo:

- deve ser da forma  $x V y$ , sendo  $y$  um DP;
- deve ser um verbo causativo compatível com as propriedades do ‘desencadeador indireto’, ou seja, deve acarretar a  $x$ , no conjunto  $P_n(x)$ , a propriedade de ser o desencadeador do processo que seja compatível com a propriedade de ser mediado no desenrolar desse processo; e a  $y$ , no conjunto  $P_n(y)$ , a propriedade de ser o afetado no processo. Enfim, deve apresentar a rede temática  $\{D/(\text{indireto}), A\}$ .

Dessa maneira, excluímos a restrição sobre a propriedade de controle, pois, um verbo que é compatível com as propriedades de ‘desencadeador indireto’ não acarreta controle a  $x$ .

Entretanto, observamos também que os verbos psicológicos causativos possuem um comportamento atípico em relação ao processo de ergativização. Primeiramente, todos os verbos psicológicos causativos analisados são compatíveis com a propriedade de desencadeador indireto, com uma pequena diferença: verbos como *preocupar* acarretam lexicalmente a  $x$  as propriedades do ‘desencadeador indireto’; enquanto verbos como *acalmar* são apenas compatíveis com essas propriedades. Essa diferença, porém, não distingue os verbos psicológicos causativos em relação ao processo de

ergativização. Existem verbos, como *conquistar*, que são compatíveis com as propriedades do ‘desencadeador indireto’, mas não passam pelo processo de ergativização; mas também existem verbos, como *acalmar*, que também são compatíveis com as propriedades do ‘desencadeador indireto’ e aceitam esse processo. É importante notar que todos os verbos psicológicos do tipo de *preocupar*, que acarretam lexicalmente a propriedade de desencadeador indireto, formam construções ergativas.

Buscamos, então, outra característica que pudesse explicar o comportamento dos verbos psicológicos frente ao processo de ergativização. Percebemos que os verbos psicológicos causativos que sofrem o processo de ergativização acarretam a *y*, necessariamente, a propriedade de ser o afetado no processo e são compatíveis com a propriedade de ter controle sobre esse processo para *y*. Assim, vimos que os verbos psicológicos causativos obedecem a apenas uma restrição, que pode ser enunciada como:

- um verbo psicológico causativo da forma  $x V y$ , para passar pelo processo de ergativização, deve ser compatível com a propriedade de controle para *y*.

Associando-a às propriedades que compõem os papéis temáticos, temos que um verbo psicológico, para passar pelo processo de ergativização, deve possuir a rede temática {D/(indireto), A/(C)}.

Assim, fizemos uma descrição detalhada das propriedades que licenciam a formação de construções ergativas, mostrando que as restrições mais específicas à alternância causativo-ergativa são de tipo semântico-lexical. Ainda, mostramos que as construções ergativas são projetadas diretamente na sintaxe, a partir das informações semântico-lexicais dos verbos e de acordo com o modelo teórico adotado nesta dissertação sobre a vinculação entre a sintaxe e a semântica. Dessa maneira, acreditamos ter cumprido com os objetivos propostos e elucidado muitos aspectos interessantes acerca do processo de ergativização, além de termos fornecido uma descrição dos verbos causativos do PB e de termos feito uma proposta semântica para a transitividade dos verbos causativos no PB. Apontamos, ainda, algumas sugestões para pesquisas futuras, como a investigação das restrições para o processo de causativização que forma construções causativas e construções de dupla-causação; a investigação das restrições para o processo que forma construções mediais; o estudo das construções

ergativas destrinchadas; e um estudo mais aprofundado sobre os verbos que chamamos basicamente intransitivos.

## APÊNDICE

Este apêndice é composto por 201 verbos, analisados nesta dissertação, num total de 527 sentenças do português brasileiro e está organizado da seguinte maneira: primeiramente, temos os verbos não causativos, depois, temos os verbos causativos estritamente diretos, ou seja, que não são compatíveis com as propriedades de um ‘desencadeador indireto’; e os verbos causativos compatíveis com as propriedades de um ‘desencadeador indireto’. Por fim, temos os verbos causativos psicológicos, divididos em verbos compatíveis com a propriedade de controle para o argumento com a propriedade de afetado e aqueles não compatíveis com essa propriedade para o argumento afetado.

### VERBOS NÃO-CAUSATIVOS: não formam ergativas

#### 1. Estativos: {E, E}

1) a. A região leste da cidade aglomera a maioria das favelas.

b. \*A maioria das favelas aglomeram.

2) a. A poesia antecedeu os textos em prosa.

b. \* Os textos em prosa antecederam.

3) a. O policial aspira o cargo de oficial.

b. \* O cargo de oficial aspira.

4) a. Dois mililitros de água cabem nessa ampola.

b. \* Nessa ampola cabem.

5) a. As dunas circundam a lagoa de Abaeté.

b. \* A lagoa circunda.

6) a. O anfiteatro contém mesas e cadeiras.

b. \* Mesas e cadeiras contém.

7) a. O livro custou setenta reais.

b. \* Setenta reais custam.



- 8) a. Os homens desejam o sucesso e a saúde.  
b. \* O sucesso e a saúde desejam.
- 9) a. O lírio designa a pureza.  
b. \* A pureza designa.
- 10) a. Uma apostila não equivale o livro.  
b. \* O livro não equivale.
- 11) a. Esta sentença verdadeira espelha a realidade.  
b. \* A realidade espelha.
- 12) a. João esperou Maria por duas horas.  
b. \* Maria esperou por duas horas.
- 13) a. O povo estima a fala do baiano.  
b. \* A fala do baiano estima.
- 14) a. Os índios formam uma única raça.  
b. \* Uma única raça forma.
- 15) a. Os pobres habitam aquela vila.  
b. \* Aquela vila habita.
- 16) a. O acordo inclui um novo estatuto.  
b. \* Um novo estatuto inclui.
- 17) a. A placa indicava o desvio.  
b. \* O desvio indicava.
- 18) a. As conjunções integrantes introduzem orações subordinadas.  
b. \* Orações subordinadas introduzem.
- 19) a. Carlão lembra um buldogue.  
b. \* Um buldogue lembra.
- 20) a. Aquela rua mede sete quilômetros.

b. \* Sete quilômetros mede.

21) a. João mora na Pampulha.

b. \*

22) a. Paulo possui vários carros antigos.

b. \* Carros antigos possuem.

23) a. A professora prefere os homens inteligentes.

b. \* Os homens inteligentes preferem.

24) a. João tem uma casa.

b. \* Uma casa tem.

25) a. João tolera colchão de mola.

b. \* Colchão de mola tolera.

26) a. João sabe lingüística.

b. \* Lingüística sabe.

27) a. Os santos simbolizam a fé cristã.

b. \* A fé simboliza.

28) a. Um aceno de mão significa muita coisa.

b. \* Muita coisa significa.

29) a. Essa pimenta compõe o tempero baiano.

b. \* O tempero baiano compõe.

30) a. Esse guindaste suporta o peso do carro.

b. \* O peso do carro suporta.

## **2. Psicológicos estativos {Exp./E, E}**

1) a. Maria abomina José pelos seus erros.

b. \* José abomina pelos seus erros.

- 2) a. Os alunos admiravam o professor.  
b. \* O professor admirava.
- 3) a. Maria adora morangos.  
b. \*Morangos adoram.
- 4) a. Paulo ama Maria.  
b. \* Maria ama.
- 5) a. Muitos cobiçam aquele cargo por causa do salário.  
b. \* Aquele cargo cobiça.
- 6) a. José desejava sucesso.  
b. \* Sucesso desejava por causa do dinheiro.
- 7) a. Maria detesta cachorro.  
b. \*Cachorro detestou.
- 8) a. Maria estima seus alunos.  
b. \*Os alunos estimam.
- 9) a. O nenê estranhou a vizinha.  
b. \*A vizinha estranhou.
- 10) a. Paulo invejava José.  
b. \* José invejava.
- 11) a. O professor menosprezava o aluno.  
b. \*O aluno menosprezava.
- 12) a. A menina odiava a professora.  
b. \* A professora odiava.
- 13) a. O menino receava aqueles homens da esquina.  
b. \* Aqueles homens receavam.
- 14) a. A secretária respeita o chefe.  
b. \*O Chefe respeita.

15) a. O povo venerava o prefeito da cidade.

b. \* O prefeito venerava.

16) a. João subestima Maria.

b. \* Maria subestima.

17) a. O povo venerava o bispo da cidade.

b. \* O bispo da cidade venerava.

18) a. João teme cachorros.

b. \* Cachorros temem.

19) a. O menino hostilizou a professora.

b. \* A professora hostilizou.

20) a. O menino receava os irmãos.

b. \* Os irmãos receavam.

### **3. Inergativos {D/A/C, E}**

1) a. João leu um livro.

b. \* Um livro leu.

2) a. João marchou uma marcha firme.

b. \* Uma marcha firme marchou.

3) a. João subiu o morro do pelourinho.

b. \* O morro subiu.

4) a. Maria dançou salsa.

b. \* Salsa dançou.

5) a. João cantou uma canção.

b. \* Uma canção cantou.

6) a. Paulo caminhou a volta da Pampulha.

b. \* A volta da Pampulha caminhou.

7) a. José correu a maratona de São Silvestre.

b. \* A maratona de São Silvestre correu.

8) a. João nadou um nado eclético.

b. \* Um nado eclético nadou.

9) a. João falou um belo discurso.

b. \* Um belo discurso falou.

10) a. Maria pulou a cerca.

b. \* A cerca pulou.

11) a. Maisa respirou o ar poluído.

b. \* O ar poluído respirou.

12) a. O pássaro voou um vôo sensacional.

b. \* Um vôo sensacional voou.

13) a. Luisa andou a ladeira inteira.

b. \* A ladeira inteira andou.

14) a. Mirna repousou um descanso.

b. \* Um descanso repousou.

15) a. João saltou um salto alto para um atleta.

b. \* Um salto alto saltou.

## VERBOS CAUSATIVOS {D, A}

### 1. Verbos causativos estritamente diretos {D/indireto, A}: não formam ergativas.

1) a. A costureira centralizou o molde no tecido.

b. \* O molde (se) centralizou no tecido.

c.\* O empurrão que Maria levou centralizou o molde no tecido.

2) a. O professor expulsou os alunos da sala.

b. \* Os alunos (se) expulsaram.

c.\* A chegada do diretor expulsou os alunos da sala.

3) a. Os marinheiros içaram a âncora do fundo do mar.

b. \* A âncora içou do fundo do mar.

c. \*A chegada do capitão içou a âncora do fundo do mar.

4) a. O médico injetou sangue nas veias do paciente.

b. \* O sangue (se) injetou nas veias do paciente.

c.\*A chegada da doença injetou sangue na veia do paciente.

5) a. O lavrador plantou milho no quintal.

b. \* O milho (se) plantou no quintal.

c.\* A chegada da chuva plantou milho.

6) a. Maria recolheu a roupa do varal.

b. \* A roupa (se) recolheu do varal.

c.\* A chegada do temporal recolheu...

7) a. O jogador rebateu a bola.

b. \* A bola (se) rebateu para o céu.

c. \* O empurrão que João levou rebateu a bola.

8) a. O garçom limpou a mesa.

b. \* A mesa limpou.

c. \* A chegada de João limpou a mesa.

9) a. Maria apanhou as frutas do chão.

b. \* As frutas (se) apanharam do chão.

c.\*Maria apanhou as frutas com o empurrão que levou.

10) a. João aproximou o livro da luz.

b. \* O livro aproximou da luz.

c. \*A chegada de João aproximou o livro.

- 11) a. João armazenou o pão no pote.  
b. \* O pão armazenou.  
c. \* A chegada da visita armazenou o pão.
- 12) a. Maria arrancou a planta da terra.  
b. \* A planta arrancou.  
c. \* A chegada do temporal arrancou a árvore.
- 13) a. O vento arrebatou os livros dos alunos.  
b. \* Os livros arrebataram dos alunos.  
c. \* A chegada do temporal arrebatou os livros.
- 14) a. João arremessou a taça na parede.  
b. \* A taça arremessou na parede.  
c. \* O empurrão que João levou arremessou a taça.
- 15) a. O vento lançou a bola no poço.  
b. \* A bola lançou no poço.  
c. \* A chegada do temporal lançou a bola no poço.
- 16) a. O professor colocou o livro na mesa.  
b. \* O livro colocou na mesa.  
c. \* O empurrão que João levou colocou o livro na mesa.
- 17) a. Maria imergiu o saquinho de chá na xícara.  
b. \* O saquinho de chá imergiu na xícara.  
c. \* O empurrão que Maria levou imergiu...
- 18) a. O jardineiro ajuntou a terra.  
b. \* A terra ajuntou num canto.  
c. \* A chegada do jardineiro ajuntou a terra.
- 19) a. Mariana arrastou o sofá para o canto.  
b. \* O sofá arrastou pro canto.  
c. \* O empurrão que João levou arrastou o sofá.
- 20) a. O artilheiro chutou a bola.

- b. \* A bola chutou.
- c. \* O empurrão...

21) a. Popó ergueu o peso.

- b. \* O peso ergueu.
- c. \* O empurrão..

22) a. A empregada removeu a poltrona da biblioteca.

- b. \* A poltrona removeu da biblioteca.
- c. \* O empurrão que João levou removeu...

23) a. A diretora transferiu o aluno de sala.

- b. \* João transferiu de sala/ de setor.
- c. \* A chegada do novo diretor transferiu o aluno de sala.

24) a. O médico acompanhou o paciente.

- b. \* O paciente acompanhou.
- c. \* A chegada do médico acompanhou o paciente.

25) a. Eu carreguei a mala.

- b. \* A mala carregou.
- c. \* O empurrão que João levou carregou a mala.

26) a. O secretário conduziu o cliente até a sala.

- b. \* O cliente conduziu.
- c. \* A chegada do secretário conduziu o cliente.

27) a. Eu dirigi o carro.

- b. \* O carro dirigiu.
- c. \* A chegada do motorista dirigiu o carro.

28) a. O gari empurrou o carrinho.

- b. \* O carrinho empurrou.
- c. \* A chegada do policial empurrou o carrinho.

29) a. O policial guiou os meninos.

- b. \* Os meninos guiaram.



c. \* A chegada do policial guiou os meninos.

30) a. Maria levou o livro.

b. \* O livro levou.

c. \* A chegada de Maria levou o livro.

31) a. Eles moveram o armário para o canto.

b. \* O armário moveu para o canto.

c. \* A chegada dos funcionários moveu o armário.

32) a. Ela seguiu o namorado da porta da casa até a praça.

b. \* O namorado seguiu da porta da casa até a praça.

c. \* A chegada dela seguiu o namorado.

33) a. O capataz reconduziu o gado.

b. \* O gado reconduziu.

c. \* A chegada do capataz reconduziu o gado.

34) a. O funcionário transportou a mala.

b. \* A mala transportou do carro até o hotel.

c. \* A chegada do funcionário transportou a mala.

35) a. O mocinho derrotou o vilão com um golpe fatal.

b. \* O vilão derrotou.

c. \* A chegada do mocinho derrotou o vilão.

36) a. João abandonou a mulher.

b. \* A mulher abandonou.

c. \* A chegada da ex de João abandonou...

37) a. O padre abençoou os fiéis com as mãos.

b. \* Os fiéis abençoaram.

c. \* A chegada do padre abençoou os fiéis com as mãos.

38) a. Ana acolheu todos os parentes em sua casa.

b. \* Os parentes acolheram.

c. \* A chegada de Ana acolheu os parentes.

- 39) a. Ana acomodou os parentes em sua casa.  
b. \* Os parentes acomodaram na casa de Ana.  
c. \* A chegada de Ana acomodou os parentes na sua casa.
- 40) a. Os bombeiros acudiram as vítimas.  
b. \* As vítimas acudiram.  
c. \* A chegada dos bombeiros acudiu as vítimas.
- 41) a. João acusou José no tribunal.  
b. \* José acusou.  
c. \* A chegada de João acusou José.
- 42) a. Paulo admitiu vinte funcionários.  
b. \* Vinte funcionários admitiram.  
c. \* A chegada de Paulo admitiu os funcionários.
- 43) a. Antônio ajudava os vizinhos.  
b. \* Os vizinhos ajudaram.  
c. \* A chegada de Antonio ajudou os vizinhos.
- 44) a. João caluniou Maria.  
b. \* Maria caluniou.  
c. A chegada de João caluniou Maria.
- 45) a. O policial capturou o assaltante.  
b. \* O assaltante capturou.  
c. \* A chegada/denúncia do policial capturou o assaltante.
- 46) a. Paulo compensou os funcionários com uma gratificação.  
b. \* Os funcionários compensaram.  
c. \* A chegada de Paulo compensou os funcionários com uma gratificação.
- 47) a. O salva-vidas avisou os banhistas sobre o perigo do mar.  
b. \* Os banhistas avisaram.  
c. \* A chegada do salva-vidas avisou...
- 48) a. João delatou o amigo à polícia.

- b. \* O amigo delatou à polícia.
- c. \* A chegada de João delatou...

49) a. João denunciou o criminoso à polícia.

- b. \* O criminoso denunciou.
- c. \* A chegada de João denunciou...

50) a. O governo desobrigou os investidores de taxas adicionais.

- b. \* Os investidores desobrigaram de taxas adicionais.
- c. \* A chegada dos parlamentares desobrigou os investidores...

51) a. João pintou um quadro.

- b. \* O quadro pintou.
- c. \* A chegada de João pintou...

52) a. João escreveu uma carta.

- b. \* A carta escreveu.
- c. \* A chegada de João escreveu...

53) Paulo negou a posse da fazenda aos irmãos.

- b. \* A posse da fazenda (se) negou aos irmãos.
- c. \* A chegada do Paulo negou...

54) a. Maria mexeu a sopa.

- b. \* A sopa mexeu.
- c. \* A chegada de Maria mexeu...

55) a. O policial preveniu o pedestre do perigo.

- b. \* O pedestre preveniu.
- c. \* A chegada do policial preveniu o pedestre.

## **2. Verbos compatíveis com o desencadeador indireto {D/(indireto), A}: formam ergativas**

1) a. Eu entornei vinho na mesa.

- b. O vinho entornou.
- c. O empurrão que João levou entornou vinho na mesa.

- 2) a. João esparramou as cartas.  
b. As cartas se esparramaram.  
c. O empurrão que João levou esparramou as cartas pelo chão.
- 3) a. A tempestade submergiu o barco no mar.  
b. O barco submergiu no mar.  
c. O acidente cometido por João submergiu o barco no mar.
- 4) a. João afundou o navio.  
b. O navio afundou.  
c. A chegada da tempestade e da frente fria afundaram o navio.
- 5) a. João derramou vinho na toalha.  
b. O vinho derramou.  
c. O empurrão que João levou derramou vinho na mesa.
- 6) a. João fechou a porta.  
b. A porta fechou.  
c. A chegada dos fiscais do vestibular fechou as portas da faculdade.
- 7) a. A moça abriu a porta.  
b. A porta abriu.  
c. O pontapé que João deu na parede abriu a porta sem querer.
- 8) a. Joana arredou o guarda-roupa.  
b. O guarda-roupa arredou.  
c. O empurrão que João levou arredou o sofá sem querer.
- 9) a. A prefeitura desviou o trânsito.  
b. O trânsito desviou na Antônio Carlos.  
c. A chegada da polícia desviou o trânsito.
- 10) a. A polícia dispersou a multidão.  
b. A multidão dispersou.  
c. A chegada da polícia dispersou a multidão.
- 11) a. A brisa espalhou as folhas no jardim.

- b. As folhas (se) espalharam no jardim.
- c. O empurrão que João levou espalhou papel para todo lado.

- 12) a. O acidente engarrafou oanel rodoviário.
- b. Oanel rodoviário engarrafou.
  - c. A duplicação da Antônio Carlos engarrafou oanel.

- 13) a. Almodóvar lançou o filme essa semana.
- b. O filme lançou.
  - c. A premiação européia lançou o filme essa semana.

- 14) a. O vento limpou o céu.
- b. O céu limpou das nuvens.
  - c. A chegada do sol limpou o céu das nuvens.

- 15) a. João vendeu a casa.
- b. A casa vendeu ontem.
  - c. (Foi) A bela arquitetura vendeu aquela casa.

- 16) a. João quebrou o vaso.
- b. O vaso quebrou.
  - c. O empurrão que João levou quebrou o vaso.

- 17) a. Maria descosturou a calça.
- b. A calça descosturou.
  - c. A queda que Paulo levou descosturou sua calça.

- 18) a. Joana rasgou a saia de Maria.
- b. A saia de Maria rasgou.
  - c. O puxão de Joana rasgou a saia de Maria.

- 19) a. O guarda desimpediu o trânsito.
- b. O trânsito desimpediu.
  - c. O fim das obras na Antônio Carlos desimpediu o trânsito.

- 20) a. Paulo adiantou o salário dos funcionários.
- b. O salário dos funcionários adiantou.

c. O aumento do faturamento esse mês adiantou o salário dos funcionários.

21) a. O sol aqueceu a casa.

b. A casa aqueceu.

c. A chegada do verão aqueceu a casa.

22) a. O sol queimou a plantação.

b. A plantação queimou.

c. A chegada da estiagem queimou a plantação.

23) a. O calor derreteu o gelo.

b. O gelo derreteu.

c. A chegada do verão derreteu a neve.

24) a. João secou a cozinha.

b. A cozinha secou.

c. A abertura da janela secou a infiltração da cozinha.

25) a. João molhou a mesa.

b. A mesa molhou.

c. O empurrão que João deu no garçom molhou a mesa toda.

26) a. A empresa atrasou o pagamento dos funcionários.

b. O pagamento atrasou.

c. A chegada das contas atrasou o pagamento dos funcionários.

27) a. João consertou o carro.

b. O carro consertou.

c. (Foi) A revisão da concessionária consertou o problema no carro.

28) a. João resolveu o problema.

b. O problema resolveu.

c. O fato de João ter chegado na festa resolveu o problema de Maria.

29) a. João machucou Maria.

b. Maria machucou.

c. O empurrão que João levou machucou as pessoas ao seu redor.

30) a. João entupiu a pia.

b. A pia entupiu.

c. O despejo de produtos químicos entupiu a pia.

31) a. João entortou a maçaneta.

b. A maçaneta entortou.

c. O empurrão que João levou entortou seus óculos.

32) a. João desligou o ventilador.

b. O ventilador desligou.

c. A queda da energia desligou o ventilador.

33) a. João carregou o celular.

b. O celular carregou.

c. A chegada súbita de energia carregou todos os aparelhos eletrônicos da casa.

34) a. João encheu o filtro.

b. O filtro encheu.

c. A chegada da chuva encheu o rio Doce.

35) a. Deus dotou o homem de razão.

b. O homem se dotou de razão.

c. O processo evolutivo dotou o homem de razão.

36) a. João aproximou Paulo de Maria.

b. Paulo aproximou de Maria.

c. A simpatia de Maria aproximou Paulo dela.

37) a. A tropa afugentou os inimigos.

b. Os inimigos se afugentaram.

c. A chegada dos inimigos afugentou a tropa.

38) a. O inverno diminuiu as visitas ao parque.

b. As visitas ao parque diminuiram.

c. A chegada da época de neve diminuiu as visitas ao parque.

39) a. O vendedor aumentou as vendas da loja.

- b. As vendas da loja aumentaram.
- c. A época natalina aumentou as vendas da loja.

- 40) a. A companhia aérea extraviou minha bagagem.
- b. A bagagem extraviou.
  - c. Os atrasos no aeroporto extraviou minha bagagem..

### **3. Verbos psicológicos**

#### **3.1 {D/(indireto), A/(C)}: formam ergativas.**

- 1) A chegada de João abalou Maria.
- b. Maria se abalou com a chegada de João.
  - c. A chegada de João abalou Maria.
- 2) O apresentador aborreceu a platéia com suas mancadadas.
- b. A platéia se aborreceu.
  - c. A má compostura do apresentador aborreceu a platéia
- 3) Paula afligiu seu marido com suas suspeitas.
- b. O marido se afligiu.
  - c. O mau comportamento do marido afligiu a esposa.
- 4) A paixão de Paulo alucina Maria.
- b. Maria se alucinou.
  - c. A chegada de Paulo na festa alucinou Maria.
- 5) Pedro chateou o amigo com suas queixas.
- b. O amigo de Pedro se chateou.
  - c. A chegada inesperada do pai chateou o filho.
- 6) O desastre comoveu o povo.
- b. O povo se comoveu com o desastre.
  - c. A chegada dos soldados comoveu o povo.
- 7) O governo decepcionou o povo com suas mentiras.
- b. O povo se decepcionou com as mentiras do governo.



c. A chegada desastrosa do presidente decepcionou o povo.

8) Paulo deprimiu Maria com suas lamentações.

b. Maria se deprimiu (com as lamentações de Paulo).

c. As lamentações de Paulo deprimiram Maria.

9) a. A cantora encantou o público com sua voz.

b. O público se encantou com a voz da cantora.

c. O show da cantora de jazz encantou o público.

10) a. O presidente escandalizou o povo com sua proposta.

b. O povo se escandalizou (com a proposta do presidente).

c. A chegada desastrosa do presidente escandalizou a imprensa.

11) a. João horrorizou Maria com aquela proposta.

b. Maria se horrorizou com aquela proposta.

c. A proposta de João horrorizou Maria.

12) a. Maria inquietava os colegas com sua atitude.

b. Os colegas se inquietavam (com as atitudes de Maria).

c. O descomprometimento de Maria inquietava os colegas.

13) a. A filha magoou a mãe.

b. A mãe se magoou.

c. A inquietação da filha na escola magoou a mãe.

14) a. João preocupava Maria.

b. Maria se preocupava muito com João.

c. A chegada do bebê preocupou a mãe.

15) a. A mãe traumatizou o filho na infância.

b. O filho se traumatizou na infância com as atitudes da mãe.

c. A chegada do irmão traumatizou o filho mais velho.

16) a. A mãe abrandou a raiva do filho com seu carinho.

b. A raiva do filho (se) abrandou com o carinho da mãe.

c. A chegada da mãe abrandou a filha.

- 17) a. O início do show acalmou a multidão.  
b. A multidão (se) acalmou com o início do show.  
c. A chegada da polícia acalmou a multidão.
- 18) a. O médico desenganou o paciente com seu laudo.  
b. O paciente (se) desenganou com o laudo do médico.  
c. A chegada do relatório médico desenganou o paciente.
- 19) a. As mulheres martirizam os homens.  
b. Os homens se martirizam com os caprichos das mulheres.  
c. Os caprichos da esposa martirizou o marido.
- 20) a. O governo pacificou a rebelião com as concessões que fez.  
b. A rebelião (se) pacificou com as concessões do governo.  
c. As concessões do governo pacificaram a rebelião.
- 21) a. A mãe reconfortou o filho doente com uma sopinha.  
b. O filho doente se reconfortou com a sopinha da mãe.  
c. A chegada da mãe reconfortou o filho.
- 22) a. Maria serenou seu marido com seu carinho.  
b. O marido (se) serenou com o carinho da esposa.  
c. A chegada de Maria serenou o marido.
- 23) a. Maria suavizou o filho com seu olhar.  
b. O filho (se) suavizaram com o olhar da mãe.  
c. A chegada da mãe suavizou os atos do filho.
- 24) a. O médico tranqüilizou a moça com uma conversa.  
b. A moça se tranqüilizou com a conversa do médico.  
c. A chegada do médico tranqüilizou a paciente.
- 25) a. Maria animou a filha para a prova.  
b. A filha se animou para a prova.  
c. A chegada da mãe animou a filha para a prova.
- 26) a. Os portugueses assustaram os selvagens com suas armas.

- b. Os selvagens se assustaram.
- c. A chegada dos portugueses assustou os selvagens.

- 27) a. João agitou Maria com suas promessas.
- b. Maria se agitou com as promessas de João.
  - c. A chegada de João agitou Maria.

- 28) a. Paulo alegrou Maria.
- b. Maria se alegrou com a chegada de Paulo.
  - c. A chegada de Paulo alegrou Maria.

- 29) a. O menino apavorou o colega com uma lagartixa.
- b. O colega se apavorou.
  - c. O pulo da lagartixa apavorou o menino.

- 30) a. João desestruturou Maria com sua partida.
- b. Maria se desestruturou com a partida de João.
  - c. A partida de João desestruturou Maria.

### **3.2 {D/(indireto), A}: não formam ergativas**

- 1) a. João conquistou Maria com sua simpatia. (conquistar = flertar)
- b. \* Maria (se) conquistou com a simpatia de João.

- 2) a. O deputado embromou o povo com suas promessas.
- b. \* O povo (se) embromou com as promessas do deputado.

- 3) a. O filho honrou a mãe com sua vitória.
- b. \* A mãe (se) honrou com a vitória do filho.

- 4) a. O rei humilhou a nobreza com seu discurso.
- b. \* A nobreza (se) humilhou (com o discurso do rei).

- 5) a. João provocou Maria.
- b. \* Maria (se) provocou com aquela conversa.

- 6) a. João enganou Maria com falsas promessas.
- b. \* Maria (se) enganou.

7) a. Paulo ludibriou o sócio com sua falácia.

b. \* O sócio (se) ludibriou.

8) a. Laura importunou Pedro.

b. \* Pedro (se) importunou com a falação de Laura.

9) a. O governo incentivou a população a comprar.

b. \* A população (se) incentivou a comprar.

10) a. Paula desprezou a colega por seu jeito de vestir.

b. \* A colega (se) desprezou.

11) a. Maria cativou o colega com seu jeito doce.

b. \* O colega (se) cativou.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARONOFF, M. (1976) *Word Formation in Generative Grammar*. Cambridge: MIT Press.
- BAKER, M. (1988) *Incorporation: A Theory of Grammatical Function Changing*. University of Chicago Press, Chicago.
- BURZIO, L. (1986) *Italian Syntax: a government and binding approach*. Dordrecht: D. Reisel Publishing Company.
- CANÇADO, M. (1997) Os Psico-Verbos do Português Brasileiro e a Hipótese Inacusativa de B&R: Indícios para uma Proposta Semântica. *DELTA* 13.1, p. 119-139.
- CANÇADO, M. (1995) Verbos Psicológicos: A relevância dos papéis temáticos vistos sob a ótica de uma semântica representacional. Tese de Doutorado. UNICAMP.
- CANÇADO, M. (2000) O papel do Léxico em uma Teoria de Papéis Temáticos. *DELTA*. V. 16.2, p. 297-321.
- CANÇADO, M. (2003) Um Estatuto Teórico para os Papéis Temáticos. Ana Lúcia Muller, Esmeralda Negrão e Maria José Foltran (orgs.). *Semântica Formal*. São Paulo: Editora Contexto, pgs. 95-124.
- CANÇADO, M. (2005) Posições Argumentais e Propriedades Semânticas. *DELTA*. V. 21.1, p. 23-56.
- CANÇADO, M. (2006) *Talking about Agents and Beneficiaries*. Manuscrito apresentado em Rara & Rarissima Conference - Max Planck Institute, Leipzig (disponível em [www.lettras.ufmg.br/marciacancado](http://www.lettras.ufmg.br/marciacancado)).
- CHAFE, W. L. (1970) *Meaning and the Structure of Language*. Chicago: Chicago University Press.
- CIRÍACO, L & M. CANÇADO (2006). Inacusatividade e Inergatividade no PB. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. 46 (2) UNICAMP.
- COOK, W. A. (1979) *Case Grammar: Development of Matrix Model*. Washington: Georgetown University Press.
- CHOMSKY, N. (1995) *The Minimalist Program*. Cambridge, Ma: MIT Press.
- DAMASCENO, M. A. (2006) Verbos polissêmicos: propriedades semânticas e processos metafóricos. Dissertação de mestrado. UFMG.
- DOWTY, D. (1979) *Word meaning and Montague Grammar*. DOrdrecht: D. Reidel.

- DOWTY, D. (1989) On the Semantic Content of the Notion of Thematic Role. IN: Chierchia, Partee e Turner (eds). *Properties, Types and Meaning. Studies in Linguistic and Philosophy, 2: Semantic Issues*. Daordrecht: Kluwer, p. 69-124.
- DOWTY, D. (1991) *Thematic Proto-roles and Argument Selection*. *Language* 67 (3), 547-619.
- ELISEU (1984) Verbos ergativos do Português: descrição e análise. Dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa.
- FILLMORE, C. (1968) The Case for Case. In E. Bach e R. Harms (eds). *Universals in Linguistic Theory*. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- FILLMORE, C. (1971) Some Problems for Case Grammar. *Monograph Series on Language and Linguistics* 24.
- FOLEY, W. & Van Valin, R. (1984) *Functional Syntax and Universal Grammar*. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- FRANCHI, C. (1997) Predicação. Manuscrito publicado em CANÇADO, M. (Org.) (2003c). Predicação, Relações Semânticas e Papéis Temáticos: Anotações de Carlos Franchi. *Revista de Estudos da Linguagem*. Vol. 11 - No. 2. UFMG.
- FRANCHI, C. & M. CANÇADO (1997) Teoria Generalizada dos Papéis Temáticos. Manuscrito publicado em CANÇADO, M. (Org.) (2003c). Predicação, Relações Semânticas e Papéis Temáticos: Anotações de Carlos Franchi. *Revista de Estudos da Linguagem*. Vol. 11 - No. 2. UFMG.
- GRIMSHAW, J. (1987) Unaccusatives - An Overview. IN: *proceedings of NELS 17*, 244-59. GLSA, University of Massachusetts.
- GRIMSHAW, J. (1990) *Argument Structure*. Cambridge, MA: MIT Press.
- GRUBER (1965). *Studies in Lexical Relations*. Tese de Doutorado. MIT. Reeditado como parte de *Lexical Structures in Syntax and Semantics*. Amsterdam: North Holland, 1976.
- HALE, K. & KEYSER, S. (1993) On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. In: K. Hale & S. J. Keyser (eds.) *The view from building 20*. MIT Press, Cambridge, MA, pp. 53-110.
- HALLIDAY M. A. K. (1967) Notes on Transitivity and Theme in English. *Journal of Linguistics* 2 e 3.
- JACKENDOFF, R. (1972) *Semantic interpretation in generative grammar*. Cambridge: MIT Press.
- JACKENDOFF, R. (1983) *Semantics and Cognition*. Cambridge: MIT Press.

- JACKENDOFF (1990) *Semantic Structures*. Cambridge (MA): MIT Press.
- KATO, M. (1989) Kato, M. 1989. Tópico e Sujeito: Duas Categorias na Sintaxe? *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 17: 109-131.
- LEVIN, B (1983) On The Nature of Ergativity. Doctoral Dissertation, MIT.
- LEVIN, B. (1989) *Towards a Lexical Organization of English Verbs*. Evanston: Northwestern University.
- LEVIN, B. (1993) *English verb classes and alternations: a preliminary investigation*. Chicago: The University of Chicago Press.
- LEVIN, B. & M. H. RAPPAPORT (1995) Unaccusativity. At the syntax-lexical semantics interface. *Linguistic Inquiry*, Monograph 26.
- LYONS, J. (1979) *Introdução à lingüística teórica*. São Paulo: Companhia Editora Nacional/EDUSP.
- MENEZES, R. C. (2005) Verbos de Trajetória: Uma Análise Sintático-Semântica. Dissertação de mestrado. UFMG.
- MIOTO, C., M.C. FIGUEIREDO SILVA & R.E.V. LOPES (1999) *Manual de Sintaxe*. Florianópolis: Insular.
- MOREIRA, C. (2000) Princípio de Ligação Sintaxe/Semântica: Construções Estativas. Dissertação de Mestrado. UFMG.
- NAVES, R. (2005) Alternâncias Sintáticas: questões e perspectivas de análise. Tese de doutorado. UNB.
- PERINI, M. (2005) Ergativas e Médias em Português. *Lingüística e Filologia Scripta*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas. Vol.8, nº 16, p. 13-34.
- PERLMUTTER, D. (1978) Impersonal passives and the Unaccusative Hypothesis. *Berkeley Linguistics Society* 4, p.157-189.
- PUSTEJOVSKY, J. (1995) *The Generative Lexicon*. Cambridge, MA: MIT Press.
- RADFORD, A. (1997) *Syntax: a minimalist introduction*. Cambridge, CUP, 1998.
- RAPOSO, E. (1992) *Teoria da Gramática: A Faculdade da Linguagem*. Lisboa: Editorial Caminho.
- SILVA, E. S. (2002) Predicadores Espaciais: Estrutura Argumental e Hierarquia Temática. Dissertação de Mestrado. UFMG.
- SOUZA, P. (1999) A alternância causativa no Português do Brasil: defaults num léxico gerativo. Tese de Doutorado. USP.
- WENCESLAU, F. L. (2003) Verbos Beneficiários: um estudo na interface entre Semântica e Sintaxe. Dissertação de Mestrado. UFMG.

- WHITAKER-FRANCHI (1989) As construções ergativas: um estudo sintático-semântico. Dissertação de mestrado. UNICAMP.
- VENDLER, Z. (1967) *Linguistics in Philosophy*. New York: Cornell University Press.
- VERKUYL, H. J. (1989) Aspectual classes and Aspectual composition. *Linguistics and Philosophy* 12. Daordrecht: Kluver, p.39-94.
- WACHOWICZ & FOLTRAN (a sair) Sobre a noção de Aspecto. *Cadernos de estudos lingüísticos*. Unicamp.